



**D. PEDRO II  
1853**



**FOTOGRAFIA CATUÍRA ATUAL: SIMONE BACK**

# Colônia Militar Santa Thereza

*Alfredo Wagner em Revista*

**Jubileu de Diamante  
1961 - 2021**

**FOTOGRAFIA COLÔNIA MILITAR SANTA THEREZA 1892: PADRES FRANCISCANOS**

( 371 )

COLLECÇÃO DAS LEIS DO IMPERIO DO BRASIL.

1853.

TOMO 17.

PARTE 2.ª

SECÇÃO 62.ª

DECRETO N.º 1.266 — de 8 de Novembro de 1853.

*Crea huma Colonia Militar na estrada que communica a Villa de S. José com a de Lages na Provincia de Santa Catharina.*

Hei por bem crear na estrada que communica a Villa de S. José com a de Lages na Provincia de Santa Catharina huma Colonia Militar, que será regida provisoriamente pelo Regulamento que baixou com o Decreto N.º 820 de 12 de Setembro de 1851 para a Colonia Militar Leopoldina. Luiz Pedreira do Coutto Ferraz, do Meu Conselho, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio, assim o tenha entendido, e faça executar. Palacio do Rio de Janeiro em oito de Novembro de mil oitocentos cincoenta e tres, trigesimo segundo da Independencia e do Imperio.

Com a Rubrica de Sua Magestade o Imperador.

*Luiz Pedreira do Coutto Ferraz.*

# EDITORIAL

A segunda edição da *Alfredo Wagner em Revista - Jubileu de Diamante - 1961/2021* é dedicada à Colônia Militar Santa Thereza, hoje Caturira.

A importância desta colônia é relevante pois anteriormente algumas tentativas de povoamento nesta região da Serra não obtiveram êxito.

Dom Pedro II foi diretamente responsável pela criação desta Colônia Militar, um projeto muito antigo que após mais de 100 anos, finalmente iria se consolidar.

As colônias militares eram implantadas em locais estratégicos de caminhos muito frequentados, mas também muito perigosos, com função de proteger, povoar e desenvolver a região.

Muitas colônias se desenvolveram, como a Colônia Militar Santa Thereza do Tocantins que tornou-se mais tarde a cidade de Imperatriz no Maranhão.

Nossa Santa Thereza, sendo uma colônia militar, estava subordinada ao Exército do Brasil, mas integrada à Província de Santa Catarina, responsável pela parte civil do povoamento.

Ao longo desta segunda edição veremos o progresso, as dificuldades, os personagens que povoaram esta região entre 1853 e 1895, quando a Colônia Militar foi emancipada.

Esta revista não abrange a totalidade dos aspectos ligados à história da Colônia Militar. Por exemplo não tratamos da questão religiosa ou da educação. Ficamos limitados ao número de páginas, porém a documentação permite pesquisas muito abrangentes sobre os temas.

Grafamos Santa Thereza aos nos referirmos à Colônia Militar como um resgate à maravilhosa epopeia de nossos antepassados.

Jornalista Mauro Demarchi

1 de Agosto de 2021





RESTAURANTE  
E LOJA DE CONVENIÊNCIA



HOTEL

# Paradouro Battistella

BR-282, s/N, PICADAS  
ALFREDO WAGNER - SC



POSTO DE COMBUSTÍVEL



PRODUTOS COLONIAIS - ADEGA - PRESENTES  
COMÉRCIO DE ROUPAS E JEANS

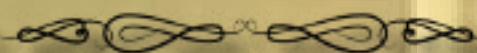


FOTO AÉREA: MANUELA MARIANI




# SUMÁRIO

FUNDAÇÃO E IMPORTÂNCIA DA COLÔNIA MILITAR SANTA THEREZA.....	6
OS DOCUMENTOS DA COLÔNIA MILITAR.....	8
PLANTA DA PRAÇA DA COLÔNIA.....	11
QUEM ERAM OS MORADORES DA COLÔNIA MILITAR?.....	12
PROPRIETÁRIOS DE TERRA NA COLÔNIA MILITAR EM 1866.....	14
LISTA PARCIAL DE MORADORES.....	16
A SAGA DOS PIONEIROS.....	22
AS MULHERES NA COLÔNIA MILITAR.....	26
LENDA OU REALIDADE?.....	28
A SAÚDE NA COLÔNIA MILITAR.....	30
CONCLUÍNDO.....	31
PALAVRAS DO PREFEITO.....	32





## SOLUÇÕES PRA VOCÊ


 CONTA CORRENTE

 PREVIDÊNCIA

 CONSÓRCIO

 CARTÕES

 CRÉDITO

 SEGURO









**COOPERATIVISMO:**  
A FORÇA TRANSFORMADORA  
DE MUITOS POR UM SÓ IDEAL.

Para cuidar do seu dinheiro, busque uma alternativa mais justa. Escolha a cooperativa de crédito que atua com eficiência, promove inclusão financeira e é mantida por pessoas como você: os cooperados. Assim, toda operação financeira se transforma em benefícios com taxas e condições muito melhores.

 **SICOOB**  
Crediciária



-  Klabin\_SA
-  Klabin
-  KlabinInstitucional
-  bioklabin
-  klabin.sa
-  klabin.sa

klabin.com.br

## COMO FAZER PARA UMA EMPRESA SE TORNAR LÍDER GLOBAL EM SUSTENTABILIDADE?

A Klabin atua voltada para o futuro, um futuro renovável, e trilha há anos o caminho da sustentabilidade com objetivos claros e importantes para o planeta. Talvez seja por isso que a Klabin é a única indústria brasileira que ingressou na carteira Mundial do Índice Dow Jones de Sustentabilidade em 2020. E também foi convidada a fazer parte das discussões do COP26 Business Leaders, seletivo grupo internacional que tem o objetivo de acelerar o compromisso do setor privado com a "economia carbono zero" (race to zero), antes da maior conferência sobre mudanças climáticas do mundo, a COP26.

Na empresa que planta, em média, 90 árvores por minuto e conserva 240 mil hectares de matas nativas, a palavra resíduo foi ressignificada para fonte de matéria-prima. Uma Companhia que até 2030 pretende reduzir em 20% o consumo de água usada em sua produção e atender metas de emissões acordadas com a Science Based Targets initiative (SBTI).

Assim é a Klabin. Que sempre fez, faz e vai continuar fazendo. Pelas pessoas e pelo meio ambiente.

Klabin. O futuro é agora.

Líder global em sustentabilidade e orgulhosamente produtora e exportadora de celulose, papéis para embalagens e embalagens de papel.

FA  
ZEN  
DO

### Compromissos, reconhecimentos e certificações:



Member of  
**Dow Jones  
Sustainability Indices**  
Powered by the S&P Global CSA



**TCFD** | TASK FORCE ON CLIMATE-RELATED  
FINANCIAL DISCLOSURES



**BUSINESS  
AMBITION FOR 1.5°C**

**ISE B3**



## ALFREDO WAGNER EM REVISTA - JUBILEU DE DIAMANTE É PUBLICADA POR BRASIL MONARQUISTA

DIAGRAMAÇÃO  
**Mauro Demarchi**  
(48) 98802-1578

JORNALISTA RESPONSÁVEL  
**Mauro Demarchi**  
MTS 0005225/SC

Edições *Brasil Monarquista*  
Rua Elias Maffei, casa 02  
Saltinho - Alfredo Wagner-SC



# FUNDAÇÃO E IMPORTÂNCIA DA COLÔNIA MILITAR

A região compreendida entre o Campo dos Padres e o Planalto Serrano, onde hoje está estabelecido o município de Alfredo Wagner, era considerada inóspita e de difícil acesso até o princípio do Século XIX.

Poucos aventureiros tinham coragem de cruzar suas matas para chegar a Lages e, dali seguir viagem para outras regiões do Brasil.

Um evento de grande importância política, forçou a colonização destas terras: o desenrolar da República Juliana, Estado independente proclamado oficialmente como República Catharinense Livre e Independente em 24 de julho de 1839, e que perdurou até 15 de novembro do mesmo ano.

Extensão da Revolução Farroupilha (1835-1845), iniciada na província vizinha do Rio Grande do Sul, onde havia sido proclamada a República Rio-Grandense (1836-1845).

Eram líderes da República Catarinense o italiano Giuseppe Garibaldi, General David Canabarro e Coronel Serafim Muniz de Moura.

Conhecemos o fracasso da guerra empreendida pelo italiano Garibaldi diante da estratégia brasileira e capacidade do Exército Imperial, mas desconhecemos a eficácia da diplomacia nacional que soube afastar o Coronel Moura e o General Canabarro, e assim diminuir a força combativa de Garibaldi.

Para onde foi o Coronel Moura depois de abandonar Garibaldi?

Por sua aceitação dos termos oferecidos pelo Império, recebeu como missão desbravar justamente a área mais inóspita e desprotegida da Província: a região hoje ocupada por Alfredo Wagner.

Entretanto, tais foram as dificuldades enfrentadas que o Coronel Serafim teve que



Capela da Colônia Militar dedicada a Santa Tereza

se deslocar para áreas mais habitáveis, voltando depois quando da instalação da Colônia Militar.

O Império não poderia desistir de seu projeto inicial, então estabeleceu uma Colônia Militar em área próxima à que fora entregue ao Coronel Serafim.

O decreto criando a Colônia Militar Santa Thereza é de n. 1266 de 8 de novembro de 1853, com rubrica do Imperador Dom Pedro II e assinado por Luiz Pedreira do Coutto Ferraz, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Império.

*“Com o duplo fim de proteger os moradores da mesma estrada, e as pessoas que por ela transitam contra as excursões dos Índios selvagens e de servir de centro, e núcleo de população”* declara o Presidente da Província à época, João José Coutinho, em sua Fala à Assembleia Legislativa, transcrito no jornal O Conservador de 12 de maio de 1854.

João José Coutinho, informa aos Deputados Provinciais, reunidos em Desterro para o seu

EMPRESA LÍDER NO DESENVOLVIMENTO DE SOFTWARE  
PARA MISTURAS DE ALGODÃO





Rua Padre Cristóvão Arnoldi, 2283 - Estreito - Alfredo Wagner - SC



pronunciamento (mantivemos a grafia original do documento publicado pelo jornal):

*“Os primeiros soldados colonos que daqui partirão em numero de 19 chegarão ao trombudo, lugar escolhido para assento da Colonia, no dia 11 de janeiro último; outros tem seguido por vezes, e devem lá existirem 41 individuos entre soldados, e suas familias, acha-se tambem nella desde 8 de Fevereiro proximo findo um facultativo, e os medicamentos precisos para o tratamento dos que adoecerem.*

*“Alem da Colonia central composta de 41 praças de pret, foi autorizado a colocar em outros pontos da mesma estrada, dois destacamentos filiaes a Colonia, composta cada um de 11 praças.”* (Grafia original mantida).

O local (o Trombudo) também não correspondeu às expectativas e foi preciso deslocar os soldados para área mais apropriada. Esta área foi justamente a que o Império havia reservado para o Coronel Serafim Muniz de Moura, ocasionando futuramente discórdia com os herdeiros e a demarcação de nova área ao lado da Colônia Militar.

A Colônia Militar Santa Thereza não foi apenas mais uma entre tantas outras colônias militares. Ela representou um avanço em muitos aspectos.

- Em seus limites não eram permitidos escravos.

- Os soldados colonos dedicavam 3 dias por semana no serviço militar e recebiam seu soldo mensalmente. Outros 4 dias cada qual poderia empregar em suas terras, cujo título receberia após um certo período, se ele demonstrasse vocação agrícola.

- Foi, portanto, a primeira reforma agrária praticada por um governo no Brasil: a doação de terras a colonos.

A epopeia vivida pelos primeiros habitantes do município deveria ser enaltecida e lembrada, diante das dificuldades enfrentadas pelas famílias que aqui se estabeleceram.

As dificuldades enfrentadas, sejam elas de caracter humano, econômico ou meteorológico, só exaltam este grande empreendimento.

A criação da Colônia Militar Santa Thereza foi importantíssima não só para a história de Alfredo Wagner mas também para o nascimento de outros municípios e o progresso da Provincia, hoje Estado de Santa Catarina.

Nossos olhares devem se voltar para este passado glorioso e enaltecer a coragem e persistência daqueles que nos precederam na história.

Um lugar onde nascem rios e

*felicidade*

Parabéns, Alfredo Wagner,  
pelos seus 60 anos.  
Uma cidade que encanta e  
inspira por suas belezas naturais.

**IBAGY**  
Sempre o lugar certo.

# OS DOCUMENTOS DA COLÔNIA MILITAR

Uma das obrigações dos diretores da Colônia Militar Santa Tereza era a redação de relatórios mensais sobre diversos aspectos da administração colonial militar.

Esta publicação nos oferece informações muito importantes sobre o desempenho dos colonos, situação do clima, animais que transitavam pela estrada de Lages etc.

A documentação oficial da Colônia Militar Santa Tereza pode ser dividida em três categorias: militar, civil e religiosa. A documentação religiosa consta de registros de batismo e casamento que ficam nas paróquias a que pertenceu a Colônia, como São José, Palhoça e Bom Retiro.

A documentação civil, poderá ser encontrada nas Câmaras Municipais das cidades mencionadas e também no Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e no Arquivo Histórico de Joinville.

Já a documentação militar, relativa especialmente ao oficialato, encontra-se no Arquivo Histórico Militar no Rio de Janeiro.

Pude consultar alguns destes documentos originais. Eram utilizados diversos tipos de papel, em geral foram usados papel de arroz.

A escrita comumente era realizada com uma caneta tipo pirografo, cuja ponta era aquecida ao fogo. Também, mas poucas vezes, era utilizada uma espécie de caneta tinteiro. Encontrei, ainda, entre os documentos alguns que pareciam ter sido escritos por uma espécie de lápis de chumbo.

A abundante documentação deste período fornecerá aos futuros pesquisadores importantes desdobramentos para o material que nos propomos a apresentar nesta homenagem a Alfredo Wagner em seus 60 anos.



A linda letra era uma constante nos primeiros documentos da Colônia Militar - Arquivo Histórico de Joinville



# CARTA DO DIRETOR DA COLÔNIA JOÃO DE SOUZA MELLO E ALVIM AO PRESIDENTE DA PROVINCIA EM 1854:

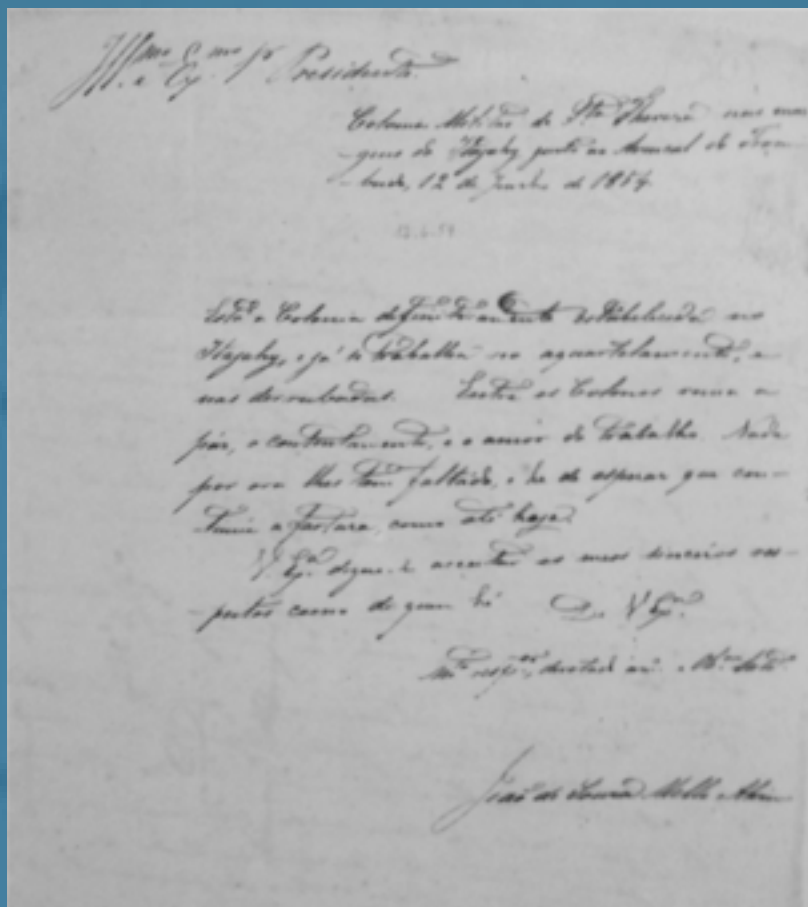
Illmo e Exmo Sr. Presidente  
Colonia Militar de Sta. Thereza  
nas margens do Itajahy junto ao  
Avenal(?) do Trombudo, 12 de  
Junho de 1854

Está a Colonia definitivamente  
instalada no Itajahy e já se tra-  
balha no aquartalamto, e nas  
derrubadas. Entre os Colonos  
reina a páz, o contentamento, e  
o amor do trabalho. Nada por  
ora lhes tem faltado, e he de  
esperar que continue a fartura,  
como até hoje.

V. Exa. digno-se aceitar as (...)  
como de quem hé

De V. Exa.

mtto respso, devotado amo e (...)  
João de Souza Mello e Alvim



**O ARQUIVO HISTÓRICO DE  
JOINVILLE GUARDA UMA PARTE  
DA HISTÓRIA DE ALFREDO  
WAGNER.**

**DOCUMENTOS DA COLÔNIA  
MILITAR SANTA THEREZA ESTÃO  
ARMAZENADOS E CATALOGADOS,  
E SÃO PERMITIDOS APENAS PES-  
QUISA PRESENCIAL, COM TODOS  
OS PROTOCOLOS DE SEGURANÇA  
PARA A MANIPULAÇÃO DE DOCU-  
MENTOS ANTIGOS.**

**BEBIDAS FAGUNDES**  
FABRICA DE BEBIDAS FAGUNDES

48. 3276-1914    98451-3171    98817-9722

48 3276.1914  
**9.99496466 / 9.8817.9722**

bebidasfagundes@gmail.com

Rua do Comércio, 391 - Centro - Alfredo Wagner - SC

APACHE STORE

## A SUA LOJA DE ARMAS

RUA DO COMÉRCIO, 118 CENTRO  
ALFREDO WAGNER/SC

Armas, munições, coça, pesca, camping,  
selaria, chapéus, botas, bombachas, vinhos,  
cervejas artesanais, facas campeiras, e muito  
mais você encontra aqui!



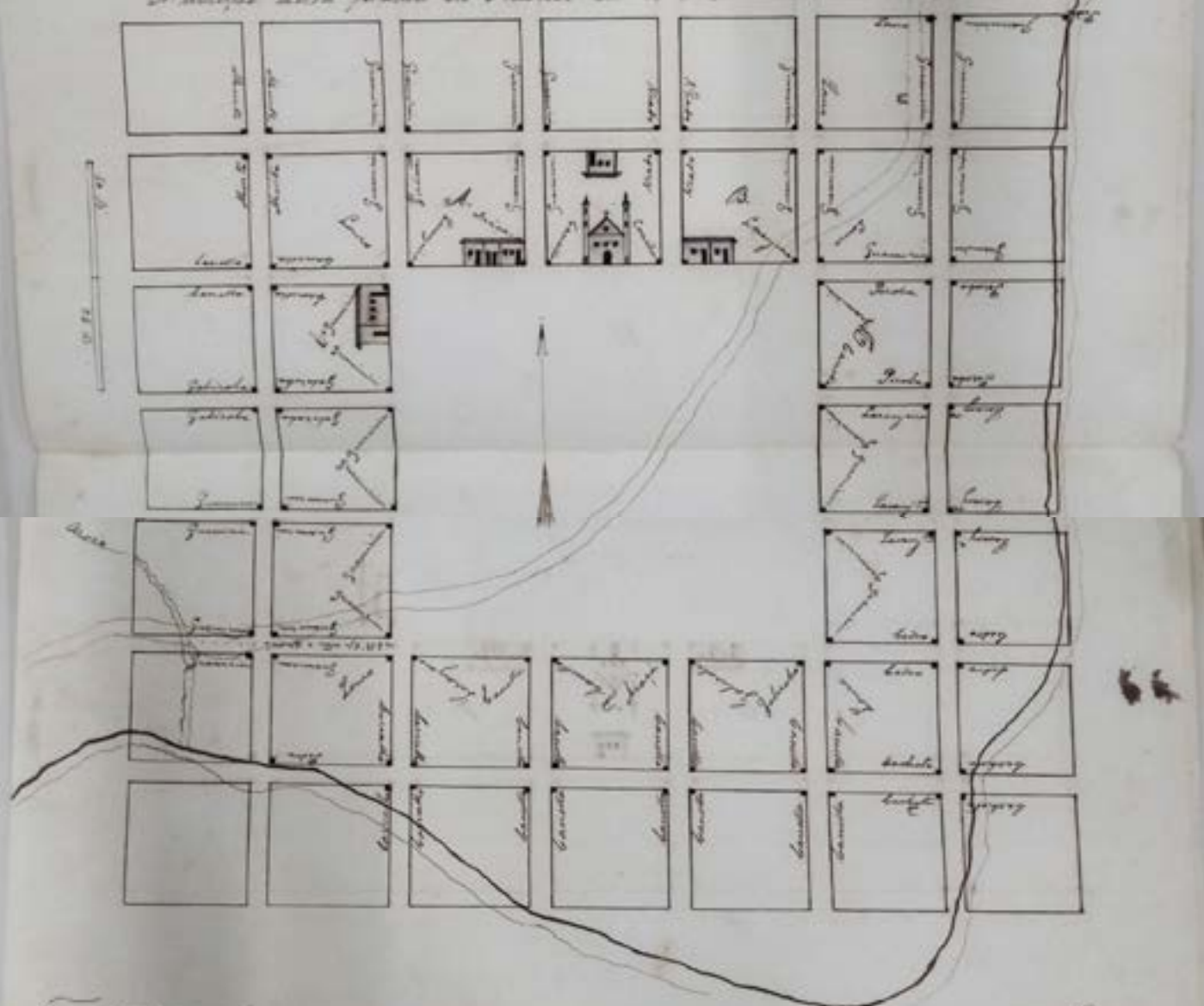
**APACHE**  
store

**48-3276 1552**  
www.apachestore.com.br



Planta da praça da Colônia Militar Santa Theresia no estado de S. Paulo.  
 A. casa para o Director, e officios, e casa para o immediato.  
 B. casa de officios e enfermaria.  
 C. Quartel, e pousada da Colônia.  
 D. 6 Quadras reservadas para futura indole, e casa de capellas e casa de igreja.  
 Todas outras quadras para os soldados a 3 braços cada um.  
 A praça tem 156' as quadras, 35' e as ruas 5'

A direção desta planta he o mesmo de 20' a C. as ruas tem a 4' 65' a 2'



Toda este terreno he largura, menos as quadras que servem a Santa de Igreja para o qual se deve fazer a obra, e se gradualmente a 100' a 150' a 160' a 170' a 180' a 190' a 200' a 210' a 220' a 230' a 240' a 250' a 260' a 270' a 280' a 290' a 300' a 310' a 320' a 330' a 340' a 350' a 360' a 370' a 380' a 390' a 400' a 410' a 420' a 430' a 440' a 450' a 460' a 470' a 480' a 490' a 500' a 510' a 520' a 530' a 540' a 550' a 560' a 570' a 580' a 590' a 600' a 610' a 620' a 630' a 640' a 650' a 660' a 670' a 680' a 690' a 700' a 710' a 720' a 730' a 740' a 750' a 760' a 770' a 780' a 790' a 800' a 810' a 820' a 830' a 840' a 850' a 860' a 870' a 880' a 890' a 900' a 910' a 920' a 930' a 940' a 950' a 960' a 970' a 980' a 990' a 1000'

Planta da praça da Colônia Militar Santa Theresia com lotes demarcados e projetos dos edifícios públicos, como igreja, casas do padre, do diretor, prisão, etc. Os lotes foram demarcados com cernes de árvores como gabioba, canela, laranjeira, etc. Arquivo Histórico de Joinville



# PLANTA DA PRAÇA DA COLÔNIA

Um dos documentos guardados no Arquivo Histórico de Joinville é a planta da praça da Colônia Militar Santa Thereza. A resolução não está das melhores pois foi fotografada com celular e o documento ainda não está digitalizado, entretanto, ele fornece uma ideia da formação estabelecida para a localização de lotes dentro da praça da Colônia.

Ao centro da planta está localizada a Igreja e a casa do padre; ao lado esquerdo na letra A encontrava-se reservado para as casas do Diretor e imediato e para os armazens. À direita da igreja, na letra B, era reservada para a casa do médico e enfermaria. Ainda à esquerda, mais embaixo, estava reservado para o quartel e para a prisão.

A planta ainda informa que os marcos eram feitos de canela, laranjeira, guamirim, murta, louro e peroba.



ASSISTENTES CULTURAIS DO ARQUIVO HISTÓRICO DE JOINVILLE FERNANDA PIROG OÇOSKI E LEANDRO BRIER CORREIA COM O EDITOR DESTA REVISTA JORNALISTA MAURO DEMARCHI.

IMAGEM DO GOOGLE TERRA DA ÁREA ABRANGIDA PELA PLANTA AO LADO.



**Sicredi**

Gente que coopera cresce

**Rua Anitapolis, 453 - Centro**  
**Alfredo Wagner - SC - 88450-000**  
**Telefone: (48) 3276-1543**



Especialidades médicas,  
ultrassonografias,  
endoscopia digestiva alta,  
pequenos procedimentos  
cirúrgicos.  
(48) 3276-1451



*Laboratório de*  
*Análises Clínicas*  
*Padre Alfons*  
(48) 3276-1792



# QUEM ERAM OS MORADORES DA COLÔNIA MILITAR?

O historiador que vasculha os documentos relativos à Colônia Militar Santa Thereza costuma terminar sua pesquisa com uma visão geral do perfil psicológico do colono que aqui morava.

Habitando em terra “feracíssima”, como a qualificavam os antigos, tendo que enfrentar as adversidades do clima, das matas, e não poucas vezes, dos índios instigados por desertores e condenados, os colonos que aqui se estabeleceram deveriam ter características próprias para habitar este lugar.

Havia 3 tipos de moradores na Colônia Militar:

- Diretores e ajudantes (médico e escrivão)
- Soldados colonos
- Civis colonos (paisanos)

O primeiro tipo era temporário, e não poderiam possuir terras na Colônia. Vamos conhecer alguns dos diretores designados para comandar a Colônia Militar Santa Thereza, antes de passarmos para a descrição dos outros tipos.

A Colônia era uma instituição fundada para receber colonos militares, por esta razão, em geral, o diretor era um militar do Estado Maior de 2ª Classe.

Não havia um período pré-definido para a permanência na Colônia, e dependia da condução da administração. O ajudante, embora não pertencendo ao Estado Maior, era um militar com alta patente e representava o Diretor nas ausências deste.

Um dos primeiros diretores, João de Souza Mello e Alvim. Militar e engenheiro, natural de Desterro/SC, foi Deputado na

Assembleia Legislativa Provincial de Santa Catarina, na Assembleia Geral Legislativa do Império e Presidente da Província do Ceará, no século XIX.

Chegou entusiasmado para dirigir a Colônia Militar em 1853, tendo sido responsável por escolher o local em que seria instalada após o Morro do Trombudo se mostrar inapropriado.

Era um militar de grande nobreza de caráter e apto para a guerra, excelente administrador e competente profissional.

Em 12 de Junho de 1854, assim escreveu ao Presidente da Província (o original pode ser visto na página 9 desta revista): *“Está a Colônia definitivamente estabelecida no Itajahy e já se trabalha no aquartelamento, e nas derrubadas. Entre os colonos reina a páz, o contentamento, e o amor do trabalho.*

*“Nada, por ora lhes tem faltado, e he de esperar que continuará a fartura, como até hoje”.*

Foi ele também o responsável pela negociação com o proprietário das terras onde instalou definitivamente a Colônia após desistir do Morro do Trombudo. O Coronel Serafim Munis de Moura, era relutante em fazer a troca, mas o Major João de Souza Mello e Alvim o convenceu.

Seu entusiasmo após um ano esmoreceu diante da grande dificuldade que enfrentou com o tipo humano que o Exército enviava para povoar estas terras.

Adelson André Brüggemann em “A sentinela isolada O cotidiano da colônia militar de Santa Thereza (1854-1883)” na dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História, do Centro de Filosofia e Ciências

## FARMÁCIA DO CECEU

*Alceu Osvaldo Sebold*

R. Hercílio Luz, 35  
Alfredo Wagner - SC, 88450-000  
(48) 3276-1256



**Moda  
Costura  
Consertos  
de roupas**

Rua Anitápolis, 120, Centro  
Alfredo Wagner - SC



Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, descreve a importância do cargo de Diretor da Colônia Militar:

*“Na colônia militar de Santa Thereza foi possível perceber que alguns oficiais que ocuparam o posto de diretor da colônia eram políticos ativos – deixavam o cargo de diretor para assumir cargos na Assembleia Legislativa Provincial, ou tornavam-se presidente de província –, possuíam alguma qualificação e permaneceram no cargo de diretor por alguns anos”. “A sentinela isolada”, página 203*

Como era o militar no Século XIX e o tipo humano que veio ocupar a Colônia?

O soldado raso era muitas vezes recrutado em classes muito baixas da população, sujeito a muitos defeitos e vícios. Gênio irascível, que dificilmente controlava, o tornava belicoso e muitas vezes violento.

Por isso, uma das exigências dos Diretores da Colônia Militar era que os soldados deveriam ter vocação para o trabalho agrícola, pois seria fundamental para o progresso da Colônia. Esta exigência poucas vezes foi atendida.

No mesmo “Sentinela Isolada”, Adelson descreve a origem dos soldados residentes na Colônia Militar: *“Dos 51 militares que viviam na colônia em dezembro de 1854, 29 eram provenientes da província de Santa Catarina, 7 de Pernambuco, 4 da Bahia, 2 de Minas Gerais, 2 de São Paulo, um do Maranhão, um do Ceará, um do Rio de Janeiro, um do Rio Grande do Sul e 3 da Alemanha. De todos os habitantes da colônia, 80 pessoas eram provenientes da província de Santa Catarina: os 29 soldados citados acima, 18 homens e 33 mulheres, todos pertencentes às famílias dos soldados. De Pernambuco, da Bahia, de Minas Gerais, de São Paulo, do Rio Grande do Sul, do Maranhão e do Ceará, todos os soldados não possuíam familiares na colônia. Quanto ao soldado vindo do Rio de Janeiro, este possuía esposa. Do Paraná havia somente uma mulher. Da Alemanha, ao todo eram 9 pessoas,*

*3 soldados, 2 homens e 4 mulheres. De Buenos Aires uma mulher e das Ilhas Canárias outra”. Op. Cit. páginas 136-137.*

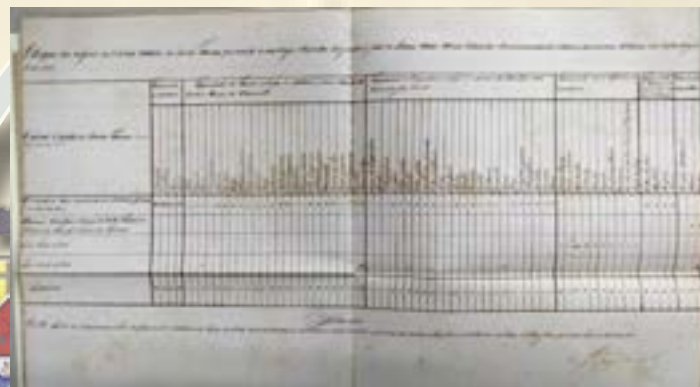
Este foi o núcleo primeiro que fincou suas enxadas nesta terra e a fez crescer e prosperar. A estes pioneiros, suas mulheres e filhos, rendemos homenagem e desejamos que neste momento em que a Colônia Militar Santa Thereza comemora 168 anos e o município a que deu origem 60 anos, não nos esqueçamos de seus esforços e sacrifícios naquele momento histórico.

A partir de 1880 começa a tornar comum sobrenomes germânicos entre os colonos que pediam para ser engajados na colônia ou requiriam seus lotes de terra.

Imigrantes ou mesmo filhos de imigrantes, saíam de suas localidades originais para começar vida nova na Colônia Militar.

O frequente vai-e-vem de colonos que se engajavam apenas para ter direito a terra e depois de cumprido o prazo, recebido a propriedade, a vendiam para ir a outras paragens favoreceu o crescimento da Colônia e promoveu o melhoramento das estradas.

Este fator, tantas vezes qualificado como negativo, teve entretanto esta característica positiva e frequentemente esquecida.



Relação do armamento a cargo do diretor e comandante interino da Colônia Militar de Santa Thereza, capitão engenheiro João de Souza Mello e Alvim.

**CASA DAS**  
**EMBALAGENS**

**(48) 3276-2020**

Rua do Comércio 205 - Centro  
ALFREDO WAGNER / SC



**(48) 3276-1145 | (48) 98817-8305**

**(48) 99645-6018**

Rod. SC 350, s/nº - Km 1,5 - Saltinho - Alfredo Wagner - SC



# PROPRIETÁRIOS DE TERRA NA

As informações relativas à Colônia Militar Santa Thereza são abundantes e nos permitem um mergulho na história deste empreendimento. História de sucesso, como podemos ver, onde a força e persistência humanas conseguiram estabelecer as bases para um município forte e próspero: Alfredo Wagner.

A planilha com a relação de proprietários e a produção na Colônia Militar em 1866 foi publicada no site do Center for Research Librerie <https://www.crl.edu/>

É graças a instituições como o CRL, o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, a Biblioteca Pública de Santa Catarina, o Arquivo Histórico de Joinville e a Hemeroteca da Biblioteca Nacional, que podemos ter acesso

a documentação relativa aos tempos da Colônia Militar Santa Thereza.

Uma providência que o Município de Alfredo Wagner deveria tomar neste ano de aniversário da cidade é a implementação de um Arquivo Histórico onde a documentação oficial e impressa fosse guardada e digitalizada para que não se perca no futuro. Fica aqui a sugestão.

A planilha abaixo apresenta os nomes dos proprietários em 1866. Começa a relação por Serafim Muniz de Moura e em Observações, lê-se: *“Vai neste mappa por estar no districto da colonia como 1.o sitiador do lugar com posse de uma legua de terras de que se póde dizer fazendeiro”*.

Segue a relação:

Mappa da propriedade rural inculta e cultivada, e da produção agricola da colonia militar de Santa Thereza da provincia de Santa Catharina no anno de 1866.

PROPRIETARIO DO SÍTIO	FAZENDA DE			AREA QUADRADO			PRODUÇÃO TRÓPICA			PRODUÇÃO ALIMENTAR			GADO			TRABALHO			VALOR DA PRODUÇÃO	OBSERVAÇÕES	
	Proprietário	Cultura	Criação	Método			Café	Cana	Milho	Arroz	Cebola	Batata	Cavalo	Bovino	Ovinos	Porcos	Fazendeiros	Criação			
				Área	Valor	Total															
Serafim Muniz de Moura	1	1	1	10000	10000	10000															Vai neste mappa por estar no districto da colonia como 1.o sitiador do lugar com posse de uma legua de terras de que se póde dizer fazendeiro.
João Carlos de Silva	1	1	1	10000	10000	10000															1.o sítio pertencente ao Sr. João Carlos de Silva, com posse de uma legua de terras.
Antônio Ferreira de Castro	1	1	1	10000	10000	10000															2.o sítio pertencente ao Sr. Antônio Ferreira de Castro, com posse de uma legua de terras.
Felício Pereira	1	1	1	10000	10000	10000															3.o sítio pertencente ao Sr. Felício Pereira, com posse de uma legua de terras.
Conde de Albuquerque	1	1	1	10000	10000	10000															4.o sítio pertencente ao Sr. Conde de Albuquerque, com posse de uma legua de terras.
Ricardo José de Souza	1	1	1	10000	10000	10000															5.o sítio pertencente ao Sr. Ricardo José de Souza, com posse de uma legua de terras.
Christiano Gonçalves	1	1	1	10000	10000	10000															6.o sítio pertencente ao Sr. Christiano Gonçalves, com posse de uma legua de terras.
Almeida José	1	1	1	10000	10000	10000															7.o sítio pertencente ao Sr. Almeida José, com posse de uma legua de terras.
Antônio Pereira	1	1	1	10000	10000	10000															8.o sítio pertencente ao Sr. Antônio Pereira, com posse de uma legua de terras.
Almeida José	1	1	1	10000	10000	10000															9.o sítio pertencente ao Sr. Almeida José, com posse de uma legua de terras.
Antônio Pereira	1	1	1	10000	10000	10000															10.o sítio pertencente ao Sr. Antônio Pereira, com posse de uma legua de terras.
Antônio Pereira	1	1	1	10000	10000	10000															11.o sítio pertencente ao Sr. Antônio Pereira, com posse de uma legua de terras.
Antônio Pereira	1	1	1	10000	10000	10000															12.o sítio pertencente ao Sr. Antônio Pereira, com posse de uma legua de terras.
Antônio Pereira	1	1	1	10000	10000	10000															13.o sítio pertencente ao Sr. Antônio Pereira, com posse de uma legua de terras.
Antônio Pereira	1	1	1	10000	10000	10000															14.o sítio pertencente ao Sr. Antônio Pereira, com posse de uma legua de terras.
Antônio Pereira	1	1	1	10000	10000	10000															15.o sítio pertencente ao Sr. Antônio Pereira, com posse de uma legua de terras.
Antônio Pereira	1	1	1	10000	10000	10000															16.o sítio pertencente ao Sr. Antônio Pereira, com posse de uma legua de terras.
Antônio Pereira	1	1	1	10000	10000	10000															17.o sítio pertencente ao Sr. Antônio Pereira, com posse de uma legua de terras.
Antônio Pereira	1	1	1	10000	10000	10000															18.o sítio pertencente ao Sr. Antônio Pereira, com posse de uma legua de terras.
Antônio Pereira	1	1	1	10000	10000	10000															19.o sítio pertencente ao Sr. Antônio Pereira, com posse de uma legua de terras.
Antônio Pereira	1	1	1	10000	10000	10000															20.o sítio pertencente ao Sr. Antônio Pereira, com posse de uma legua de terras.

Observação explicativa do presente mappa.

Este mappa foi levantado de acordo com os dados fornecidos pelos proprietários das fazendas, e não representa a realidade geográfica atual. As áreas e produções são estimativas baseadas em dados históricos. A escala é de 1:10000. O mapa foi elaborado em 1866, durante o período de colonização da região. As observações fornecem detalhes sobre a situação das propriedades e a produção agrícola da época.



# COLÔNIA MILITAR EM 1866

João Cardoso da Silva Berto, Guilherme Ferreira da Cunha, Felisbino Pereira Francisco, Camilo Rodrigues da Silva, Ricardo José da Rosa, Claudino Torquarto de Andrade, Manoel José Ferreira, Martinho Paulino Pereira, Manoel Joaquim Corrêa, Antonio Francisco Pereira, Pedro Jacintho, Joaquim Pedro, Roque Antonio do Rozario, João José da Silva, Francisco Rodrigues, Francisco Pereira de Souza, Jesuino

Ribeiro da Silva, Francisco Antonio de Lima, Generoso Xavier de Freitas, Maurício Antonio, Alexandre José Bezerra, Manoel de Chaves Machado, João José de Santanna, Raymundo Paulino Pereira, Ferdinand Treicimor, Eliseo José da Silva, Ezequiel Pereira do Nascimento, Ignacio Martins de Moraes, Francisco José da Rocha, Manoel Joaquim de Lacerda, José Pedro Rodrigues da Costa

## OBSERVAÇÃO EXPLICATIVA DO PRESENTE MAPPA

*Não passando as posses de terrenos nesta colonia de pequenos lotes de 40.000 braças quadradas no máximo, 22.500, no médio e 10.000 no mínimo, não pôde cada um desses lotes constituir o que propriamente se deve considerar fazenda rural, e apenas sitios rusticos, onde os mais industriosos não podem fazer pasto suficiente para os animais indispensáveis a lavoura e seu custeio. Entretanto para harmonisar os dizeres do mapa com a especialidade deste estabelecimento, averbei esses lotes como fazendas, do que estão muit longe, a excepção da do cidadão Serafim Muniz de Moura, primeiro deste mappa, a da do paisano João Cardoso da Silva Berto, e militar Guilherme Ferreira da Cunha, que se vão aproximando; apesar da estreiteza da área que occupão.*

*No valor estimativo das fazendas ou lotes, fiz o senso de 2 reaes por braças quadradas que, humanamente é o emquanto, nestes lugares de morro e longinquos, pôde ser avaliada a braça inculta de terra: assim como vai avaliada a braça de cultivo, também quadrada, a 5 reaes; assim igualmente junto ao dito valor estimativo das fazendas, os preços dos animais bovino, cavallar e muar, a 25\$000, e os suinos a 6\$000; e juntamente o valor das habitações ruraes dos sitios, segundo suas construcções, e fundamento; como também as cercas e mangueiras na razão de 500 réis por braça.*

*Dos produtos agricolas colhidos no presente anno, que não foi favoravel à maior parte dos cultivadores, mormente nos lugares altos e menos frescos, se fez o uso seguinte:*

*Dos 563 alqueires de farinha de mandioca forão consumidos pelos lavradores - 255 - e vendidos no lugar 218; e tendo sido o consumo geral da colonia de 304 alqueires, teve ella de ainda importar 301.*

*Dos 393 alqueires de feijão: forão consumidos pelos lavradores - 314 -, vendidos no lugar - 33; enviados do mercado fora da colonia 13-; ficando em existencia, em mão dos productores - 18.*

*Dos 1.311 1/2 alqueires de milho: forão consumidos pelos lavradores 1.021-; vendidos no lugar - 174-; enviados ao mercado fora da colonia 115 1/2; restando em poder dos productores 1 1/2; além da reserva que cada um tem para seu gasto até a futura colheita.*

*Das 20 arrobas de assucar: forão consumidas pelo productor 11, e vendidas no lugar 9.*

*Quanto ao mais que pega, ou tem relação com a estatística (...) da colonia, segundo o officio do Exmo. Sr. presidente da provincia datado de 19 de Setembro do corrente anno se encontrará no relatório que a este mappa acompanha.*

*Colonia militar de Santa Thereza, 20 de Dezembro de 1866 - João Francisco Barreto, Coronel Director. - Conforme, Luiz Augusto Crespo. (Grafia original)*



**EDIÇÕES**  
**BRASIL MONARQUISTA**  
Produziu e editou esta revista!  
(48) 98802-1578  
sou.monarquista@gmail.com

**MERCADINHO E LANCHONETE**  
**MIRO**  
Desde 1990  
**(48) 3276-1386**  
Rua Anitápolis, 270 - Centro  
Alfredo Wagner - SC



# LISTA PARCIAL DE MORADORES

Entre os vários aspectos que buscamos coligar para a redação desta Alfredo Wagner em Revista - Jubileu de Diamante 1961/2021, está a lista dos moradores da Colônia Militar Santa Thereza.

Num primeiro momento a tarefa pareceu de difícil execução, entretanto, a pesquisa nos revelou muitos nomes de moradores, proprietários, colonos pedindo engajamento e a entrega de titularidade de suas terras.

Procuraremos fornecer, em ordem alfabética por sobrenomes, esta lista, sem muitos comentários. Foi ela elaborada a partir de publicação legal oficial do Governo Imperial ou Provincial feita nos jornais da época. Reunimos estes nomes também a partir de notícias e livros publicados nos quais a Colônia Militar Santa Thereza era mencionada.

As publicações sobre a Colônia Militar são muitas e provavelmente ainda poderemos ampliar esta lista.

Por exemplo, não foram consultados os livros da paróquia a que pertenceu a Colônia Militar; registros de batismo, casamento e óbito forneceriam muitos mais nomes para esta lista.

Alguns dos arquivos que consultamos poderão ser acessados no site <https://ahd.capitaldasnascentes.com.br>

A lista de nomes dos moradores da Colônia Militar Santa Thereza não é completa, claro, mas fornece uma excelente ideia do contingente que fincou suas enxadas neste chão possibilitando a grandeza atual de Alfredo Wagner.

Entre os nomes mais comuns nesta lista, José é o que aparece mais vezes. Ao todo 58 colonos (desta lista, é claro) tinham o nome de José, seguido por Antonio, que aparece 40 vezes; Manoel, 39; Francisco 34 vezes; João, 28 vezes; Joaquim, 21; Fernando aparece 6 vezes, Frederico 7, Ignacio ou Inácio aparecem 8 vezes.

Sobrenome	Nome	Complemento	Publicado
Abreu	Faustino Januario de	Capitão Honorário do Exército - Diretor	1887
Alexandre	Rosendo Antonio		1891
Almeida	Manoel Xavier de	Ex-cabo da esquadra	1891
Althoff	Guilherme	3. Juiz de Paz	1894
Althoff	Germano G		1903
Alvim	João de Souza Mello e	Capitão - 1. Diretor da Colônia Militar	1855
Amando	Nicolau	Colono civil engajado com a família	1872
Amaral	José Fernandes do	ex-voluntário da pátria	1871
Amorim	João Francisco de	ex-voluntário da pátria	1872
Andersen	João Henrique	colono 3a classe	1891
Andrade	Claudino Torquato de	Estafeta	1866
Andrade	Bernardo Martins de	colono 3a classe	1883
Andresem Jr.	João		1885
Antonio	Maurício	colono	1866
Ayrozó	Macário José	3. subdelegado	1878
Azevedo	Raymundo Gomes de		1885
Bade	Adolfina Carolina Henriette	Esposa de João Francisco Barreto	1891
Barboza	Agostinho Pereira	colono 3a classe	1883
Barreto	João Francisco	Coronel reformado	1862
Barros	João Teixeira de	ex-cabo de esquadra do 25 batalhão de infantaria	1890
Bastos	Alcebiades José da Costa	Alferes honorário e tenente - escrívão da Colonia	1875

**CASA JUNG**  
 Selma de Aquino Jung  
 f casaiung45@hotmail.com  
 Rua do Comércio, 125 - Centro  
 Fone (48) 3276-1117  
 Fundada em 1969  
 Moda Masculina e Feminina  
 Calçados, Enxovais e Aviamentos

**MÓVEIS ALMEIDA**  
 Rua do Comércio, 288  
 Alfredo Wagner - SC - 88450-010  
 (48) 98848-3592



<b>Sobrenome</b>	<b>Nome</b>	<b>Complemento</b>	<b>Publicado</b>
<i>Bayrstorff</i>	<i>Bernardo Frederico</i>	ex-2.cadete 1. companhia 25.batalhão de infantaria	<b>1891</b>
<i>Bell</i>	<i>Frederico</i>		<b>1891</b>
<i>Bertha</i>	<i>Maria</i>		<b>1880</b>
<i>Bertho</i>	<i>João Cardoso da Silva</i>	Proprietário	<b>1866</b>
<i>Bezerra</i>	<i>Alexandre José</i>	Colono - Estafeta em 1871	<b>1866</b>
<i>Bislek</i>	<i>Carlos</i>		<b>1891</b>
<i>Blau</i>	<i>Joaquim Carlos</i>	colono 3a classe	<b>1891</b>
<i>Bolinh</i>	<i>Carlos</i>	colono 3a classe	<b>1881</b>
<i>Borba</i>	<i>Francisco Antonio de</i>	Coletor de rendas	<b>1885</b>
<i>Born</i>	<i>Fernando Gil</i>	coletor	<b>1889</b>
<i>Brazil</i>	<i>Polycarpo Vieira da Cunha</i>	Alferes reformado - Tenente honorário - Diretor iterino	<b>1878</b>
<i>Brito</i>	<i>Maurício Antunes de</i>	colono	<b>1873</b>
<i>Brito</i>	<i>Irino Maurício de</i>		<b>1889</b>
<i>Brito</i>	<i>Ereno Antonio de</i>		<b>1899</b>
<i>Burlamaque</i>	<i>Pedro de Alcantara Cesar</i>	Tenente - Diretor Colonia	<b>1887</b>
<i>Calbus (Kalbusch)</i>	<i>Mathias</i>		<b>1892</b>
<i>Capistrano</i>	<i>Fernando da Cunha</i>	2 suplente Juiz de Paz	<b>1891</b>
<i>Cardoso</i>	<i>Francisco Ramires</i>	Ajudante Colonia - Tenente	<b>1859</b>
<i>Cardoso</i>	<i>Fernando Antonio</i>	Capitão reformado - Diretor	<b>1876</b>
<i>Cardozo</i>	<i>Jacinto Antônio</i>		<b>1885</b>
<i>Carneiro</i>	<i>Antonio Ernesto Gomes</i>	Major - Inspetor	<b>1888</b>
<i>Carp</i>	<i>Frederico</i>	colono 3a classe	<b>1880</b>
<i>Carpes</i>	<i>Mathias</i>	colono 3a classe	<b>1881</b>
<i>Carpes</i>	<i>Nicolau</i>	colono 3a classe	<b>1883</b>
<i>Casemiro</i>	<i>Manoel Jozé</i>	ex-voluntário da pátria	<b>1871</b>
<i>Castro Jr.</i>	<i>João José</i>	coletor	<b>1890</b>
<i>Cavalheiro</i>	<i>Domingos dos Santos</i>	colono	<b>1869</b>
<i>Cavalheiros</i>	<i>Florencio Domingos dos Santos</i>	colono	<b>1887</b>
<i>Chagas</i>	<i>Herculano Lopes das</i>	ex-voluntário da pátria	<b>1870</b>
<i>Chenaider</i>	<i>Elias</i>	colono 3a classe	<b>1880</b>
<i>Chimitra?</i>	<i>Conrado</i>		<b>1875</b>
<i>Chimitter</i>	<i>Guilherme</i>	colono 3a classe	<b>1880</b>
<i>Chnatsis</i>	<i>Jacob</i>	colono	<b>1889</b>
<i>Chuater (Schwaitzer?)</i>	<i>Jacob</i>		<b>1891</b>
<i>Conceição</i>	<i>Jacinto Feliciano da</i>	Alferes honorário - Ajudante	<b>1870</b>
<i>Conceição</i>	<i>Clarinda Maria da</i>	mulher de Francisco Rodrigues da Silva	<b>1881</b>
<i>Conceição</i>	<i>Julia Jacintha da</i>	Comprou 300 mil braças de terra junto da Colônia	<b>1888</b>
<i>Correa</i>	<i>Manoel Joaquim</i>	Colono - praça	<b>1866</b>
<i>Corrêa</i>	<i>Manoel Joaquim</i>	Pediu baixa em	<b>1869</b>
<i>Corrêa</i>	<i>Pedro Joaquim</i>		<b>1899</b>
<i>Costa</i>	<i>José Pedro</i>		<b>1865</b>
<i>Costa</i>	<i>Antonio Franco da</i>	ex-voluntario da pátria	<b>1870</b>
<i>Costa</i>	<i>Laurentino José da</i>		<b>1877</b>
<i>Costa</i>	<i>Francisco Antunes da</i>	ex-voluntario da patria 2.sargento	<b>1881</b>
<i>Costa</i>	<i>Inácio José da</i>	Feitor de Picada	<b>1891</b>
<i>Costa</i>	<i>Silvério Teixeira da</i>	ex-praça 25 batalhão de infantaria	<b>1891</b>
<i>Coutinho</i>	<i>João José</i>	Dr. Diretor Colonia	<b>1865</b>
<i>Coutinho</i>	<i>José Nicolau Pimenta de Araujo Vargas</i>	Ajudante Colonia - Alferes reformado	<b>1886</b>
<i>Cruz</i>	<i>Manoel Rodrigues da</i>	colono 3a classe	<b>1883</b>
<i>Cruz</i>	<i>Thomé Januario da</i>	Colono que raptou uma jovem e fugiu	<b>1887</b>
<i>Cruz</i>	<i>Oliverio Rodrigues da</i>	colono 3a classe	<b>1894</b>
<i>Cunha</i>	<i>Guilherme Ferreira da</i>	Proprietário	<b>1866</b>
<i>Cunha</i>	<i>Manoel Juvenio</i>	colono	<b>1873</b>
<i>Cunha</i>	<i>Alfredo Minervino da</i>		<b>1875</b>
<i>Cunha</i>	<i>João Capistrano Ferreira da</i>	colono	<b>1879</b>
<i>Cunha</i>	<i>Constancio Ferreira da</i>	colono 3a classe	<b>1890</b>
<i>Cunha</i>	<i>Eduardo Capistrano Ferreira da</i>	colono 3a classe	<b>1891</b>
<i>Cunha</i>	<i>Fernando Capistrano Ferreira da</i>	2. Juiz de Paz	<b>1894</b>
<i>Cunha</i>	<i>Virginio Capistrano Ferreira da</i>	Guarda da Coletoria	<b>1894</b>
<i>Damasio</i>	<i>Domingos</i>		<b>1892</b>
<i>Drummer</i>	<i>Adolpha</i>	Alemã protegida na Colônia	<b>1870</b>
<i>Dummer</i>	<i>Fernandes</i>		<b>1890</b>
<i>Eleuterio</i>	<i>Ludovino José</i>	Capitão honorário - Ajudante Diretor Colonia	<b>1874</b>
<i>Eleuterio</i>	<i>Manoel Antonio</i>		<b>1875</b>
<i>Esperlinh</i>	<i>Leonardo</i>		<b>1891</b>



Sobrenome	Nome	Complemento	Publicado
Espindola	Balduino José de	colono 3a classe	1891
Estefane	João		1887
Eufrasio	Frederico Manoel	colono 3 classe	1891
Faria	José Gonçalves de	Alferes honorário	1878
Faria	Augustinho Hermes de		1893
Farias	Luiz Manoel de	colono 3a classe - Guarda da Coletoria 1892	1882
Farias	Joaquim Manoel de	colono 3a classe	1891
Faustino	Manoel José	Cabo de Esquadra do Exército	1891
Feio	Antonio Correa	Soldado inválido morador e auxiliar em diversas atividades	1870
Ferreira	Manoel José	estafeta	1866
Ferreira	Ramires José	Estafeta	1869
Ferreira	Zeferino Antonio	Capitão honorário - Diretor Colonia Major (1876)	1871
Ferreira	Marcolino José		1874
Ferreira	Marcelino José	estafeta	1875
Ferreira	Manoel Antonio	ex-voluntário da pátria	1875
Ferreira	Manoel Pinto		1885
Ferreira	Antonio Pinto		1885
Ferreira	José Francisco da Cruz	colono	1890
Ferreira	Manoel Pinto		1891
Ferreira	Rosino José		1891
Foust	Manoel David		1885
França	Manoel Francisco da	colono 3a classe	1891
França	Maximiano João de		1892
Francisco	Felisbino Pereira	colono 3a classe	1866
Franco	Pedro	colono 3a classe	1883
Franco	Francisco Silvino de Abreu		1892
Freitas	Generoso Xavier de	Colono civil	1866
Goes	Joaquim Corrêa de	ex-voluntário da pátria	1870
Gomes	Joaquim Antonio	Tenente honorário - ajudante diretor	1874
Gomes	Luiz Pereira	ex-praça do exército	1891
Gomes	Pedro Felix	Diretor - Juiz de Paz	1893
Graça	Zacharias da	ex-cabo de esquadra do 25 batalhão de infantaria	1891
Guilherme	José Joaquim de Souza	ex-voluntário da pátria	1871
Guimarães	José Francisco da Silva	Capitão reformado - ajudante do diretor	1876
Guimarães	Raymundo Pereira	ex-praça do exército	1890
Güza	Gustavo	colono 3a classe	1891
Halhuk	Nicolau		1891
Hamann	Antonio Henrique		1885
Hanog	Manoel		1893
Hassal	Henderico	colono 3a classe	1881
Hasse	Jacob	colono 3a classe	1881
Haynes	Jacob	colono 3a classe	1891
Hnoll	Ernesto		1903
Hoegen	Henrique	colono 3a classe	1881
Högen	Dirk	colono 3a classe	1883
Inkel	Jacob	colono 3a classe	1880
Jacinto	Pedro	estafeta	1875
Jesus	Carolina Candida de	colona	1873
Jesus	Marcelino José de	estafeta	1875
Jesus	Elisa Roza de	Viúva de Raymundo Gomes de Azevedo	1891
Julisch	Carlos	colono 3a classe	1881
Kalbusch	Mathias		1885

**Rede Menor Preço**



**Farmácia Bardt**  
Aqui você pode mais!

IVALDO BARDT - (48) 3276-1185 - (48) 98401-4096

**Rua Hercílio Luz, 109 - Centro**  
**Alfredo Wagner / SC**

**Farmácias Brasil Poupá Lar**



**(48) 3276-2355**

**RUA ANITÁPOLIS, 635**  
**CENTRO**  
**ALFREDO WAGNER / SC**

Sobrenome	Nome	Complemento	Publicado
Keste	Henrique	colono 3a classe	1880
Kolman	Pedro		1875
Krummel	Constantino		1908
Lacerda	Manoel Joaquim de	colono 3a classe	1866
Leão	Feliciano Magalhães Pinho	ex-voluntário da pátria	1875
Lechinfela	Frederico	colono 3a classe	1881
Lehonkuhl	Augusto	colono	1879
Leite	Reginaldo José	colono 3a classe	1885
Lemos	José Simplicio	1 Sargento de Infantaria - Escrivão	1888
Lichtenfelz Sobrinho	Frederico	colono 3a classe	1891
Lima	Francisco Antonio de	colono	1866
Lima	Francisco Nicolao	colono de 3a classe	1875
Lima	João Francisco de	colono 3a classe	1883
Lima	Manoel de Souza		1890
Lima	Miguel de Souza	ex-praça do exército	1890
Lima	Augusto Francisco de	colono 3a classe	1891
Lo (Lohn?)	Jacob		1891
Lourenço	Manoel Francisco	Pai da jovem raptada por Thomé Januário	1887
Lourenço	Arminda	Jovem raptada por Thomé Januario	1887
Luciano	Manoel Joaquim	Colono Civil	1873
Luz	Augusto Fausto da	Escrivão da Coletoria	1888
Machado	Manoel de Chaves	colono	1866
Machado	Manoel Correa		1874
Maria	Manoel Eufrasio	colono 3a classe	1891
Medeiros	Jeremias Pereira de	Companhia de Invalidos - estafeta	1869
Medeiros	Jeronimo Pereira de	soldado companhia dos invalidos	1872
Medeiros	José Pereira de	colono	1879
Medeiros	Candido Lourenço de Souza	Tenente honorário - ajudante diretor	1884
Medeiros	José Honorato Eloy de		1887
Medeiros	João Lourenço de Souza	ex-cadete voluntário da pátria	1889
Meines	Xisto	Padre	1894
Mello	Antonio José Sarmiento e	Médico	1876
Mello	Dorotheo José de		1890
Miranda	João Paulo de	Diretor - Capitão	1885
Moraes	Ignacio Martins de	colono	1866
Moraes	José Felix de	Cirurgião	1878
Moraes	Inácio Martins de		1891
Moura	Serafim Muniz de	Proprietário	1866
Moura	Januario de	ex-voluntário da pátria	1872
Moura	Innocencia Muniz de	colona 3a classe	1880
Moura	Francisco Monig (Muniz?)	colono 3a classe	1883
Moura	Antonio Muniz de	colono 3a classe	1889
Moura	Innocencio Muniz de	colono 3a classe	1890
Moura	Donato Muniz de	colono 3a classe	1890
Moura	Innocencio Luiz Paiva de	Guarda da Coletoria	1892
Moura	Pedro Muniz de		1897
Moura	Porfiro Muniz de		1897
Moura	José Muniz de		1903
Moura Sobrinho	Francisco Muniz de		1874
Muniz	Antonio Amancio		1887
Nascimento	Ezequiel Pereira do		1866
Nascimento	Martinho Paulino Pereira do		1870



FABRICA DE  
PICOLÉS E SORVETES  
KIMILK

(48) 3276-1081  
(48) 98809-0884

Rua Major Pedro Borges, nº 53 - Centro  
Alfredo Wagner



Sorveteria  
Nina e Fedo

SORVETE EXPRESSO

Aceitamos encomendas de tortas de sorvete.

(48) 98841-5561 | (48) 98841-5602  
Praça da Bandeira, s/nº - Alfredo Wagner



Sobrenome	Nome	Complemento	Publicado
Nascimento	Raymundo Paulino Pereira do	colono	1873
Nascimento	Florencio Raymundo do	colono 3a classe	1891
Netto	Cezario Henrique		1903
Neves	Frederico Xavier	Alferes reformado - Ajudante	1894
Oliveira	José Francisco de	colono	1872
Oliveira	José Joaquim de	Alferes Escrivão - Soldadinho?	1875
Oliveira	Francisco Antonio de	Alferes honorário - escrivão da Colonia	1888
Oliveira	João Francisco Duarte de	Major - Diretor - Juiz de Paz 1893	1889
Oliveira	Joaquim Marcelino d'	colono 3a classe	1891
Oliveira	Pedro Subtil de		1891
Oliveira	Joaquim Subtil de		1897
Oliveira	Antonio José de	Ex-voluntario da Patria	
Pacheco	Pedro	Ex-cabo da esquadra 23 batalhão de infantaria	1891
Pachola	Manoel Antonio	ex-voluntario da pátria	1870
Paes	Joaquim Albano	Diretor	1885
Parth	Henrique	colono	1879
Paschoal	Lourenço	ex-cabo de esquadre do 25 batalhão de infantaria	1891
Paulo	Julio Vicente de		1889
Peçanha	Guilherme	ex-praça voluntario da pátria	1871
Peçanha	Norberto José	ex-praça voluntario da pátria	1871
Pereira	Antonio Ignacio	Soldado 12 Batalhão de Infantaria	1864
Pereira	Martinho Paulino		1866
Pereira	Raymundo Paulino	colono 3a classe	1866
Pereira	Antonio Francisco	colono	1866
Pereira	Serafim Francisco	colono 3a classe	1891
Philipbuseh	Frangott Ferdinande	Filho de colono, estava em S. Pedro de Alcantara na escola	1867
Phillipps		Colono alemão	1873
Prazeres	Francisco Manoel dos		1891
Pruder	Pedro Henrique	colono 3a classe	1881
Rabello	Claudino de Souza	1. subdelegado	1878
Ramos	Flanklin Maria do Nascimento	colono 3a classe	1880
Ramos	Maria José da Silva	Viuva Carlos Maria do Nascimento Ramos 2.sargento	1889
Ramos	Carlos Maria do Nascimento	2. sargento quartel mestre - já falecido em	1889
Rego	Henrique Herculano do	Diretor - Tenente	1893
Ribeiro	Joaquim Manoel	colono 3a classe	1891
Rocha	Francisco José	Colono excuso do serviço, perdeu o direito ao lote	1866
Rodrigues	Francisco	Colono	1866
Rodrigues	Roque Antonio	Companhia de Invalidos - richoso, ameaçador e turbulento	1869
Rosa	Manoel Januario Teixeira da	colono 3a classe	1875
Rosa	José Porcino da	colono 3a classe	1883
Rosa	Manoel Ricardo da		1885
Rosario	Roque Antonio do	colono	1874
Roza	Ricardo José da	colono 3a classe com mulher e 7 filhos	1866
Roza	Felicio José da	colono	1879
Roza	João Ricardo José da	colono 3a classe	1883
Roza	Francisco Purcino da	colono 3a classe	1883
Roza	Manoel Pereira		1885
Rozario	Roque Antonio do	colono	1866
Rozario	Manoel Sabino do		1889
Sant'Anna	Manoel Joaquim	Cabo de Esquadra 12 Batalhão de Infantaria	1864
Sant'Anna	João José	colono	1866
Sant'Anna	Diogo José de	Padre Capelão Tenente - Corpo eclesiastico do Exército	1887
Santos	Joaquim Pedro dos	Preso inocentado no Conselho de Guerra	1869
Santos	João Pedro dos	colono	1870
Santos	Ignacio Nogueira dos	ex-voluntario da pátria	1870
Santos	Joaquim Antonio dos	ex-voluntário da pátria - do Rio de Janeiro	1870
Santos	José Ferreira dos	Forriel reformado - Escrivão	1878
Santos	Januario Borges dos	colono	1879
Santos	Ignacio José dos		1885
Santos	Maximiniano Honorato dos	Escrivão da Coletoria	1886
Santos	Juvenal Rodopiano Gonsalves dos	Diretor - tenente do Estado Maior 2 classe	1886
Santos	Geraldo Borges dos	colono	1889
Santos	Ignacio José dos	colono 3a classe	1890
Santos	Antonio Borges dos		1892
Sarmento e Mello	Antonio José	Médico	1872

<b>Sobrenome</b>	<b>Nome</b>	<b>Complemento</b>	<b>Publicado</b>
<i>Santos</i>	<i>Antonio Borges dos</i>		1892
<i>Sarmento e Mello</i>	<i>Antonio José</i>	Médico	1872
<i>Schliching</i>	<i>Christiano</i>		1903
<i>Schlichting</i>	<i>Christian</i>	Oleiro alemão	1855
<i>Schlichting</i>	<i>Henrique</i>	Oleiro alemão filho de Christian	1855
<i>Schorcert</i>	<i>José</i>		1891
<i>Schulz</i>	<i>Guilherme</i>	ex-voluntário da pátria	1875
<i>Semma</i>	<i>João</i>		1894
<i>Shmiter</i>	<i>Pedro</i>	colono 3a classe	1890
<i>Sidreira</i>	<i>Jorge Rodrigues</i>	Alferes reformado - Ajudante	1870
<i>Silva</i>	<i>Jesuino Ribeiro da</i>	colono	1866
<i>Silva</i>	<i>Camillo Rodrigues da</i>	colono 3a classe	1866
<i>Silva</i>	<i>Eliseo José da</i>	colono	1866
<i>Silva</i>	<i>João José da</i>	colono	1866
<i>Silva</i>	<i>Antonio Estolano José da</i>		1868
<i>Silva</i>	<i>Vicente Alves da</i>	ex-voluntário da pátria	1870
<i>Silva</i>	<i>João Victorino Alves da</i>	colono submetido ao conselho de guerra	1873
<i>Silva</i>	<i>Elizeu José da</i>		1874
<i>Silva</i>	<i>Delphino Correa da</i>	ex-voluntário da pátria	1875
<i>Silva</i>	<i>Antonio Moreira da</i>	2. subdelegado	1878
<i>Silva</i>	<i>Francisco Rodrigues da</i>	colono	1879
<i>Silva</i>	<i>Candido José da</i>	colono 3a classe	1881
<i>Silva</i>	<i>Antonio Marques da</i>	ex-soldado do 31 corpo de voluntário da pátria	1884
<i>Silva</i>	<i>João Luiz da</i>		1885
<i>Silva</i>	<i>Miguel Antonio da</i>		1885
<i>Silva</i>	<i>Francisco Theodoro da</i>		1885
<i>Silva</i>	<i>Antonio Faustino</i>	Capitão - Diretor Colonia	1887
<i>Silva</i>	<i>Pedro Joaquim da</i>	ex-colono 3. classe	1889
<i>Silva</i>	<i>Antonio Gomes da</i>	ex-praça do exército	1890
<i>Silva</i>	<i>Antonio Pedro da</i>	colono 3a classe	1891
<i>Silva</i>	<i>Clemente Coelho da</i>	colono 3a classe	1891
<i>Silva</i>	<i>Domingos Francisco da</i>		1892
<i>Silva</i>	<i>Ladislau A da</i>		1903
<i>Silveira</i>	<i>Hemeterio Enéas da</i>	Colono - ex-voluntário da pátria	1870
<i>Silveira</i>	<i>João Bertho da</i>	Alferes ajudante	1885
<i>Siqueira</i>	<i>João Evangelista de</i>	ex-cabo de esquadra do deposito de instrução	1891
<i>Souto</i>	<i>Manoel de Souza</i>	ex-voluntário da pátria	1870
<i>Souza</i>	<i>João Xavier de</i>	Capitão - Diretor Colonia	1859
<i>Souza</i>	<i>Francisco Pereira de</i>	colono	1866
<i>Souza</i>	<i>Antônio Matias de</i>	ex-voluntário da pátria - do Rio de Janeiro	1870
<i>Souza</i>	<i>José Joaquim de</i>	ex-praça voluntário da pátria	1871
<i>Souza</i>	<i>Manoel José de</i>	ex-voluntário da pátria	1875
<i>Souza</i>	<i>Manoel Martins de</i>	colono 3a classe	1883
<i>Souza</i>	<i>João Ignacio de</i>		1887
<i>Souza</i>	<i>Manoel Francisco de</i>	ex-voluntário do exército	1888
<i>Souza</i>	<i>João Vieira de</i>	Ex-anspeçada do exército	1891
<i>Souza</i>	<i>Clemente Pereira de</i>	ex-praça do 17 batalhão de infantaria	1891
<i>Souza</i>	<i>Fernando Joaquim de</i>		1891
<i>Souza</i>	<i>Jesuino José de</i>	ex-praça 29 batalhão de infantaria	1891
<i>Souza</i>	<i>Juvencio Vieira de</i>	Ex-anspeçada do exército	1891
<i>Souza</i>	<i>Antonio Ramalho de</i>	ex-praça do exército	1891
<i>Souza</i>	<i>Estevão Francisco de</i>		1892
<i>Steffen</i>	<i>Christovam</i>		1903
<i>Stoskfleth</i>	<i>Carlos</i>	colono 3a classe	1891
<i>Susmar</i>	<i>Antonio Maria</i>	Escrivão da Coletoria	1894
<i>Tasky</i>	<i>Lundus</i>	colono 3a classe	1890
<i>Teixeira</i>	<i>Amandio Manoel Januario</i>	colono	1879
<i>Teixeira</i>	<i>Thomé Januario da</i>	colono 3a classe	1883
<i>Teixeira</i>	<i>Manuel Luiz</i>	Coletor de Rendas	1894
<i>Teixeira Jr.</i>	<i>Manoel de Faria</i>	colono 3a classe	1880





# A SAGA DOS PIONEIROS

## ESTA EPOPEIA VOCÊ VAI QUERER CONHECER!!!

Quem viaja de Florianópolis a Lages, ou vice-versa, não imagina os perigos que enfrentavam os catarinenses que se aventuravam em viagem semelhante no passado!

Atravessar o que hoje é o município de Alfredo Wagner em pleno século XVIII representava perigos, atoleiros, deslizamentos, feras e índios.

O estabelecimento de um povoamento entre as duas cidades representava um porto seguro no meio de uma viagem que durava vários dias apenas para atravessar nosso território.

Talvez o leitor não se dê conta do que representava este porto seguro para os viajantes. Um dos escritores que por aqui passaram, o médico ROBERTO AVÉ- LALLEMANT, escrevendo para seus conterrâneos as memórias de sua viagem pelo Sul do Brasil, relata a alegria que representava, a cada etapa da travessia, encontrar uma estância e ali pernoitar.

Algumas vezes, Avé-Lallemant e seus companheiros, tiveram que passar a noite em barracas e uma delas foi perto do Morro do Trombudo, antes de efetuar a descida para a Colônia Militar Santa Thereza.

Vamos ler seu relato e conhecer com suas próprias palavras o que representou esta descida.

Após descrever com detalhes o caminho que fizeram de Lages a Bom Retiro, assim o médico alemão comenta: *“Decerto que é um retiro, mas não sei se é particularmente bom, pois a estância existente nestas colinas é profundamente solitária”* (AVÉ - LALLEMANT, ROBERTO - VIAGEM PELO SUL DO BRASIL, pag. 105).

Embora fosse completamente isolada, a região encantou o visitante: *“Tem, entretanto,*

*encanto especial. Daqui se vê, ao lado do Morro do Trombudo, um verdadeiro mar de serras cobertas de mata. À primeira vista se reconhece que aqui termina o planalto e aquelas escuras cadeias de serras que se estendem ao longo devem elevar-se das terras baixas, embora não se veja ainda a depressão, mas somente profundos rasgões nas*



Os tropeiros eram homens rudes e bravos que transportavam mercadorias, notícias e o progresso do Brasil no Século XIX.



(48) 98864-0143



BR-282 - Trevo  
Alfredo Wagner - SC  
88450-000



(48) 3276-1292



serras. Só em alguns lugares se descortina no horizonte, nas escuras serranias, uma faixa amarela, última repetição dos campos de relva murcha, tão característicos do planalto” (op. cit., pag. 106).

Acampava em Bom Retiro uma tropa e todos se conheciam, afirma o médico Avé-Lallemant, mostrando a estranheza que o médico viajante causava: “Esses encontros têm a originalidade de que todos se conhecem, pois só os habitantes da região viajam nos caminhos do Trombudo. Um estrangeiro é um caso impressionante, um fenômeno enigmático, difícil de imaginar” (op. cit., pag. 106).

E lá vamos nós acompanhando esta viagem cheia de detalhes contados pelo médico alemão. A beleza da região contrastava com a rudeza do caminho. Em diversas ocasiões, em sua descrição, Roberto Avé-Lallemant, lança sobre os ombros do Governo da Provincia a culpa pelo estado calamitoso das estradas da Serra.

“Por mais encantadora que seja a mata do Trombudo, horrível é o caminho. Frequentemente é difícil orientar-se o viajante entre os barrancos e os buracos junto das raízes de árvores e merecem admiração os burros, que vencem todos os obstáculos com tanta prudência, energia e habilidade. Precisamente nos caminhos cavados na serra, nos quais dois burros carregados não podem dar passagem um ao outro, topamos com uma tropa. Já de longe se ouvia a gritaria, recomendando cuidado e pedindo desvio, até que, num lugar mais largo, pudemos parar e deixar passar a tropa.

“Pouco depois encontramos homens, que trabalhavam no caminho e tinham armado ali

suas choças provisórias. O lugar chama-se Guarda-Velha, porque anteriormente ali se mantinha um posto de soldados para fins defensivos e ofensivos. Mas a solidão era muito grande e logo no princípio a Guarda - Velha morreu de debilidade senil. O caminho, porém, como é preparado, é em parte excelente e prova mesmo que, se quisessem energeticamente, mesmo na mata do Trombudo podia haver boa estrada” (op. cit., pag. 106).



O viajante ou tropeiro que percorria estes caminhos inóspitos, contava com o abrigo em estâncias localizadas em distâncias variadas nas quais pernoitava, ou mesmo abrigava-se em choças erguidas de antemão, caso contrário era obrigado a erguer suas barracas para se abrigar da chuva e da noite.

Nesta ocasião, o médico alemão foi feliz e assim descreve o seu contentamento: “Ao

**Foto Greyce**

(48) 3276-1334  
(48) 98459-3339  
fotogreyce1334@gmail.com

Somos uma família de fotógrafos e administramos nossa empresa há mais de 30 anos, onde talvez, em algum momento, já tenhamos feito parte da sua vida. Temos experiência em diversos segmentos da fotografia, aprendemos juntos a direcionar nosso olhar de acordo com a luz e a sombra para compor nossas fotografias. E, ainda assim, continuamos buscando a excelência a cada dia. Em nosso estúdio ou em seu evento, carinho, dedicação, responsabilidade e respeito com você, pois de nossos trabalhos queremos que você tenha sempre uma boa lembrança.



pôr-do-sol tínhamos transposto o passo da serra. Em volta do íngreme monte já mencionado, des-cemos um pouco para a esquerda e encontramos um rancho aberto, um teto de palha sobre estacas, debaixo do qual encontramos espaçoso lugar para nós, para a nossa bagagem e mesmo para o nosso fogo, não nos sendo necessário armar as tendas.

“Mal nos instaláramos e, em silêncio, agrade-cíamos os trabalhadores do caminho o benefício e a hospitalidade, começou a chover fortemente, circunstância desagradável, que nos entibiava a coragem de viajar. Porque, embora estivéssemos no enxuto e pudéssemos ficar debaixo do teto de palha quanto tempo quiséssemos, não podíamos continuar a viagem com segurança, se a chuva se tornasse violenta” (op. cit., pag. 106).

“Já estava farto da vida de tropeiro na mata” exclama o viajante no dia seguinte após aguardar o nevoeiro, que havia se formado na madrugada, baixar e permitir que a tropa seguisse viagem.

“De repente paramos numa grandiosa que-brada. O nevoeiro, branquíssimo, não nos permiti-avistar o fundo, mas, lá embaixo, sussurrava alto as águas correntes. Tentamos descer e con-seguimos, ao mesmo tempo que a névoa se dissipa-va” (op. cit., pag. 107).

Se não fosse o nevoeiro o que teriam visto o médico e seus ajudantes? Teriam uma visão do Rio Itajaí do Sul e da Colônia Militar Santa Thereza.

“Quem vem lá!

“De fato, não posso descrever com mais brevidade nem com mais rigor a impressão que, no profundo abismo, me produziu a colônia mili-tar de Santa Teresa, na margem do sussurrante Itajaí, do que comparando toda a colônia com um grito de “quem - vem - lá”. Desde Lajes, a primeira igreja, pequena e modesta; desde Lajes, o primeiro ponto comparável a uma aldeia, uma colônia, um grande agrupamento humano reunido para a defesa e para o ataque no terreno do primeiro rio que segue em caminho direto para o Oceano Atlântico!

“Avançando, contra os bugres e onças, até ao extremo ponto da serrania selvagem, ali está a igreja, com a aldeia, sentinela isolada, a qual, mesmo por estar tão isolada e abandona da, não veste traje ornamental, mas a simples blusa do pioneiro e dentro das brenhas grita corajosamente o seu “quem-vem-lá” (op. cit., pag. 108).

Roberto Avé-Lallemant, reconhece agrade-cido a epopeia destes pioneiros diante de dificuldades extremas para manter a posição de segurança e repouso para os tropeiros e viajan-tes: “Boa amiga ! - exclamei de coração à pequena



Mulas eram muito utilizadas para o transporte de carga no Século XIX. Fortes, inteligentes, conheciam o caminho como ninguém.

igreja e à pobre aldeia, pois pobres me pareceram em geral as casas de barro da colônia militar do alto Itajaí, pobres e pequenas, como soem ser todos os princípios de civilização” (op. cit., pag. 108).

Quem eram os moradores à época em que o médico alemão visitou o Sul do Brasil a pedido de Dom Pedro II? Ele mesmo responde:

“Hoje vivem em Santa Teresa quarenta e sete pais de família. Os colonos, que formam uma espécie de força armada, se dividem em três clas-ses, que, segundo queiram trabalhar a serviço do governo, recebem maior ou menor salário. O senhor Capitão J. Xavier de Sousa, que há dois anos comanda a colônia, explicou-me todas as condições, que não repito aqui por não serem de especial interesse para os meus leitores alemães.

“Na sua maioria, os colonos militares são brasileiros. Um deles é um alemão casado com uma alemã. O médico da colônia, que encontrei em casa do comandante, levou-me à casinha da família. Os pais estavam do outro lado do Itajaí, colhendo milho. Mas encontrei algumas crianças sob a direção de uma menina de sete anos que era do mais completo tipo germânico. A pequena Cata-rina ficou muito admirada de que um alemão lhe falasse; mas ainda fiquei mais admirado de que a encantadora pequena me respondesse tão bem em puro dialeto alemão e que tão graciosamente cuidasse da casa e dos irmãos menores. Na casa,



R. Anitapolis, 58 - Centro  
Alfredo Wagner - SC, 88450-000  
(48) 3276-1642



*muitos produtos do campo, notadamente uma montanha de milho. Tomei ao acaso umas boas espigas; pareceram-me, como as demais, consideravelmente grandes; contei os grãos e achei, numa espiga, mais de quinhentos. Na casa do comandante vi várias abóboras de enorme tamanho, assim como me pareceram extraordinariamente grandes as aves domésticas. O comandante era de opinião que não se podia achar solo mais fértil”* (op. cit., pag. 109).

A estrada era o motivo de reclamação de viajantes e tropeiros já naquela época! E o médico alemão Roberto Avé-Lallemant demonstra a sua tristeza, pois representava um grande atraso para esta região.

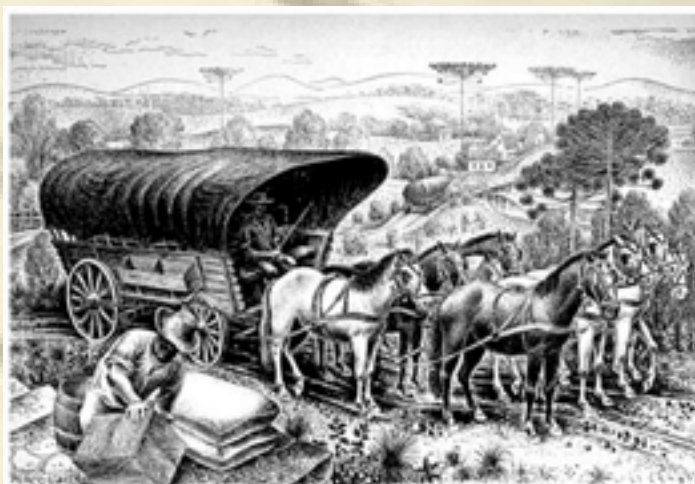
*“Mas enquanto os caminhos da Província de Santa Catarina forem tais quais os encontrei, a colônia não pode ter incremento considerável e sempre terá de receber auxílio de fora.*

*“A correção desse ponto de vista é a causa de se terem erguido algumas vozes contra a colônia militar e de quererem abandoná-la ao seu próprio destino, às suas forças ou fraquezas. Mas isso é muito injusto. Quem viaja naquelas regiões e vê, mesmo em parte, garantida a segurança de sua viagem por aquela criação artificial, pois sem dúvida ela muito contribuiu para que se afastassem da estrada os animais e homens selvagens agradecerá decerto a colônia militar de Santa Teresa e desejar-lhe-á toda a possível prosperidade e alegrar-se-á cada vez que, descendo da escura floresta serrana, avistar a igrejinha sobre*

*a colina, à margem do sussurrante Itajaí e com prazer pagará o pequeno imposto de peagem que a colônia militar cobra para melhoramento dos caminhos, sejam eles bons ou maus.”* (op. cit., pag. 109/110).

O médico Roberto Avé-Lallemant ficou pouco tempo na Colônia Militar Santa Thereza e logo partiu em direção à Desterro. Não iremos acompanhá-lo no restante da viagem, mas se o leitor quiser continuar sua leitura poderá ler o livro online na Google Books ou mesmo baixa-lo para posterior leitura.

*Viagem pelo Sul do Brasil no ano de 1858 por Roberto Ave-Lallemant - Segunda parte tradução do Instituto Nacional do Livro a partir da Edição de Leipzig de 1859. Rio de Janeiro - 1953.*



Carroças coloniais do Sul, desenho de Percy Lau para Tipos e aspectos do Brasil. Biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo

**(48) 3276-1672 - (48) 98826-8563** 

**Rua Padre Cristóvão Arnold, 206 - Estreito - Alfredo Wagner - SC**



# AS MULHERES NA

A Colônia Militar Santa Thereza teve a presença feminina de forma marcante e constante, embora poucas vezes apareçam seus nomes nos documentos oficiais.

Lado a lado com seus maridos, irmãos, pais e filhos, as mulheres que viviam nos limites coloniais eram tão guerreiras quando os homens e sabiam enfrentar qualquer situação com o mesmo valor!

- ADOLPHINA CAROLINA HENRIETTE BADE

Vamos conhecer, por exemplo, Adolphina Carolina Henriette Bade, esposa de João Francisco Barreto, diretor da Colônia. Ela era filha de Heinrich Frederick Dethlef Bade e de Carolina Frederica Catharina Mancke. Nasceu em 1841 na Alemanha e faleceu em 1919 na ex-Colônia Militar, tendo sido enterrada no cemitério evangélico. Os registros sobre ela são confusos, apresentando a mesma Adolphina como tendo 3 filhos com João Francisco Barreto e 8 filhos com Fernando Dumel.

Caso seja a mesma pessoa, ela aparece com o sobrenome Drummer em matéria publicada no jornal O Despertador de 1870 na edição 00734 em que o Diretor da Colônia Coronel João Francisco Barreto a defende de acusações de um anônimo que se intitulava “*Demônio sem asas*” e “*o Macuco do Pedro*”. A polêmica girava em torno do uso de casa de propriedade da Província que era utilizada pela “alemã” sem pagamento de aluguel.

Em sua defesa saiu o Coronel Barreto pelas páginas do mesmo jornal, desmontando as acusações feitas e justificando sua atitude perante os leitores catarinenses.

*“Quanto a fallada casa da nação em que tem mui mal se agasalhado a pobre allemã Adolphina com seus innocentes filhos emquanto fazia nova para o que ha muito está puxando madeiras, (...) é uma casinha velha de palha em estado ruinoso.*

*“É esse rancho que tenho por vezes proposto ao governo nos relatorios que presto anualmente, sua demolição, que tenho cedido a outros nas circunstancias daquella pobre mulher, ainda mesmo a transeuntes sem aluguel algum (...). Ainda responde-se que fazendo ella parte da colonia não deve estar fora dos favores e auxilios que a outros se tem feito, pois que também é filha de Deus; embora o odio implacvel que esse demonio*

*lhe tenha, só pelo simples facto de ser allemã: aos quaes aqui tem tratado aspera e grosseiramente só pela circunstancia da nacionalidade!”* O Despertador de 1870 na edição 00734 – Mantivemos a grafia original.

-MARIA BERTHA

Maria Bertha, é uma jovem guerreira de 1880! O Capitão João Paulo de Miranda, diretor da Colônia Militar, relata em ofício ao Presidente da Província, que os bugres fizeram um ataque muito próximo à praça da Colônia, em terras de João Bertho da Silva. O Diretor, Capitão João Paulo e outros homens foram em direção ao local, chegando a tempo de assustar os índios, que pressentindo a chegada, fugiram:

*“Segui immediatamente com o meu ajudante alferes João Berto da Silveira e alguns moradores da praça da colonia, em auxilio da gente que se achava na roça, cuja constava de uma moça e uns rapazes, filhos do mesmo colono, que se achava doente, e, chegando com a gente, não vi mais do que vestigios do assalto que deram; assalto que traria funestas consequencias, a não ser a denodada coragem da moça Maria Bertha, que lá se achava, cuja, escapando de uma flecha, e vendo um bugre lhe querer arrebatrar um pequeno irmãozinho, atirou este para longe e enfurecida botou-se, armada de um páo, para o bugre agressor, luctando a tal ponto que deu tempo a elles presentirem gente em socorro e abandonaram a roça, ficando a moça, esse vulto de coragem, a botar sangue pela boca, pela força da lucta que teve.”* Ofício n. 223 ao Presidente da Província publicado pelos jornais catarinenses da época.

Maria Bertha recebeu uma indenização da Tesouraria Geral para fazer um tratamento em decorrência dos ferimentos recebidos na ocasião.

Os índios, continua o relato, fugiram para o Campinho, onde o gado costumava ficar descansando quando eram levados à capital, e lá também foram achados vestígios e carcaça de animais que foram mortos para alimentação dos bugres.

- MARIA JOSÉ DA SILVA RAMOS

Tudo indica que Maria José da Silva Ramos morava em Desterro onde tinha vida social ativa, mas preferiu mudar-se para a Colônia Militar Santa Thereza.

Seu nome é mencionado na edição do A Regeneração de 1881 em agradecimento feito por



# COLÔNIA MILITAR

familiares aos que ajudaram durante a enfermidade e falecimento de Francisco Xavier de Oliveira Camara: (a família) *“vêm do alto da imprensa testemunhar sua eterna gratidão à todas as pessoas que se dignarão acompanhar os restos mortaes deste à sua ultima morada; bem como às que tão desinteressada e expontaneamente os auxiliarão na sua penosa e prolongada enfermidade, e nas difíceis e tormentosas horas de atribulações por que passarão.”* Segue a lista de nomes, entre eles o da jovem Maria José da Silva Ramos.

Maria José ficou viúva do 2. cadete sargento quartel-mestre Carlos Maria do Nascimento Ramos, falecido no Paraguai em 1867. Em março de 1890 ela enviou requerimento ao Governo Federal de Santa Catarina *“tendo direito ao lote de terras de 22500 braças quadradas, que ao mesmo (o esposo falecido) competia, pede para lhe ser concedido o referido lote na colonia militar Sta. Thereza, passando-se-lhe o competente titulo”*. (Grafia mantida no original). “A República (SC)”, ano 1890 edição 00099.

Tendo aqui se estabelecido, uniu-se em matrimônio com Pedro Muniz de Moura e faleceu em 1900. A certidão de óbito pode ser vista no site <https://ahd.capitaldasnascentes.com.br>

- A PEQUENA CAROLINA

Encerramos este capítulo em homenagem às mulheres que residiram na Colônia Militar Santa Thereza com o relato de Roberto Avè Lalle-mant, médico já mencionado nesta Alfredo Wagner em Revista – Jubileu de Diamante 1961/2021.

Segundo ele, naquela época, 1858, a maioria dos militares da Colônia eram brasileiros. Um, entretanto, era alemão e casado com uma alemã. *“O médico da colônia, que encontrei em casa do comandante, levou-me à casinha da família. Os pais estavam do outro lado do Itajaí, colhendo milho. Mas encontrei algumas crianças sob a direção de uma menina de sete anos que era do mais completo tipo germânico. A pequena Catarina ficou muito admirada de que um alemão lhe falasse; mas ainda fiquei mais admirado de que a encantadora pequena me respondesse tão bem em puro dialeto alemão e que tão graciosamente cuidasse da casa e dos irmãos menores.”* (AVÉ – LALLEMANT, ROBERTO - VIAGEM PELO SUL DO BRASIL, pag. 109).

Ao mencionar estas mulheres queremos aqui homenagear a todas as Marias, Catarinas, Adolfinas, Terezas e tantas outras mulheres que contribuíram e contribuem para a grandeza deste município.



## OLÁ ALFREDENSES

**COMO VEREADORA E MORADORA DESTA HISTÓRICA LOCALIDADE, SINTO-ME ORGULHOSA EM FAZER PARTE E REPRESENTAR ESTA COMUNIDADE.**

**PARTICIPEI ATIVAMENTE DA FESTA DO SESQUICENTENÁRIO EM 2003 E AGORA ESTOU AQUI AJUDANDO A DIVULGAR A HISTÓRIA DA COLÔNIA MILITAR SANTA TEREZA E DA CATUÍRA**

**ÈVELIZE ALTHOFF HEIDERSCHIEDT**



# LENDA OU REALIDADE?

O fabuloso e o real na história da Colônia Militar Santa Thereza

A medida em que um município ou comunidade avançam nos anos, os fatos históricos de sua origem começam a ser esquecidos e uma espécie de versão fabulosa, encantadora, mas irreal substituem os fatos.

Com a história de Alfredo Wagner também ocorre isso.

A Colônia Militar Santa Thereza completará 170 anos em 2023 quando o município fizer 62 anos, ou seja, a comunidade da Colônia Militar/Santa Tereza/Catuíra esteve em atividade como principal centro na região por mais de 108 anos antes da fundação do Município.

6 gerações se passaram desde o primeiro grupamento de soldados dar início ao projeto imperial de colonização desta área do Estado de Santa Catarina até a emancipação de Alfredo Wagner.

Entre as muitas lendas sobre os primórdios do município, uma, muito cara aos alfreddenses, é a que relata a presença da Imperatriz da. Tereza Cristina em terras da Colônia Militar para a entrega da imagem de Santa Tereza para capela dedicada à Santa.

Este fato, lindo é verdade, esbarra em desconhecimento histórico dos primeiros anos depois da fundação da Colônia Militar.

A Imperatriz Da. Tereza Cristina não esteve pessoalmente em território ocupado pela Colônia Militar, embora tenha chegado perto, 8 anos antes do Decreto Imperial criando a unidade.

*“A primeira grande viagem do imperador pelo Brasil, às províncias do Sul, entre 1845 e 1846, quando vai até o Rio Grande do Sul, ao término da Farroupilha, é uma viagem claramente*

*ligada ao que Ilmar Rohloff de Mattos denomina de expansão para o interior, já que o império brasileiro tinha a necessidade e urgência de construir uma identidade nacional, o que já vinha sendo enfatizado, no plano ideológico, desde a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1838”.* DIÁRIOS DE D. PEDRO II: VIAGENS DE CONHECIMENTO E RECONHECIMENTO, Alessandra Bettencourt Figueiredo Fraguas e Thais Cardoso Martins, <http://ihp.org.br/26072015/libihp/docs/abff20111121.htm>

Começando por Desterro, a primeira viagem do Imperador Dom Pedro II e sua esposa a Imperatriz Da. Tereza Cristina ocorreu em 1845, ocasião em que visitou as águas termais de Santo Amaro, hoje Águas Mornas.

A Colônia Militar Santa Thereza só seria fundada 8 anos depois, em 1853. Nada consta na história que a Imperatriz tenha viajado sozinha, até as “terras feracíssimas” da colônia para entregar imagem e aviamentos à capela, um dos últimos edifícios que foram construídos pelos colonos.

O que se sabe, entretanto, é que após ser construída a primeira capelinha, ela já possuía os paramentos e imagens necessárias ao culto divino, e hoje sabemos quem os enviou para lá.

A bela pintura existente na Capela Santa Tereza, da antiga Colônia Militar, hoje Catuíra, representa um momento idílico, mas que infelizmente não ocorreu.

O fato histórico é que o próprio diretor da Colônia, em 1867, João Francisco Barreto, mandou fazer a imagem da padroeira. Adelson Brüggemann assim comenta em sua dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História, do Centro de Filosofia e Ciências



**PROVitta**  
Farmácia de Manipulação

R. Herclio Luz, 110,  
Alfredo Wagner - SC, 88450-000  
Telefone: (48) 3276-1060



**CRESOL**  
Sicooper

Rua Rui Barbosa, 94 - Centro  
CEP: 88450-000  
Alfredo Wagner (SC)  
48 3276.2021



Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História, a Sentinela Isolada:

*“No relatório dos serviços feitos na colônia militar no mês de outubro de 1867, o diretor da colônia, João Francisco Barreto, afirmou que os colonos não trabalharam “no dia 15 por ser o dia da padroeira da colônia que todos costumam guardar reverentemente com fogueiras, salvas e terço na capelinha do lugar”.*

Antes disso, porém, o diretor da colônia havia declarado ao presidente da província que: *“Em continuação dos arranjos da mesma capela, e a promover o sentimento religioso, encomendei uma imagem de Santa Thereza do vulto de 3 e ½ palmos, e um crucifixo de mais de um palmo, que sendo bentos na Capital da Província no dia 8 do findo dezembro, na Capela de São Sebastião, no ato da missa de Senhora da Conceição, foram por mim conduzidas e inauguradas em sua capela a 24 do mesmo dezembro; e solenizando o ato com novenas e fogos; concorrendo a isso com pia devoção os habitantes do lugar”.* “Relatório do serviço feito na colônia militar Santa Thereza, e alterações havidas na mesma no mês de outubro de 1867”. Colônia militar de Santa Thereza, 1 de novembro de 1867. João Francisco Barreto, coronel diretor. Acervo: IHGSC citado na obra de Adelson André Brüggemann “A sentinela isolada O cotidiano da colônia militar de Santa Thereza (1854-1883)”

Outro aspecto que podemos considerar como sendo uma lenda em nada baseada na realidade dos fatos, é a versão que Alfredo Wagner teve colonização alemã.

Os municípios catarinenses que receberam europeus durante colonizações organizadas pelos governos brasileiros foram: São Pedro de Alcântara, Blumenau, Joinville, Itajaí, Brusque, Urussanga, Braço do Norte, Antônio Carlos, Corupá e Ibirama.

Europeus, principalmente germânicos, procuravam instalar-se na Colônia Militar Santa Tereza e eram bem recebidos. Uma família de

alemães já morava em 1858 quando por aqui passou o médico alemão Roberto Avé-Lallemant. Entretanto, quando escreveu as memórias deste encontro, o médico não divulgou o sobrenome desta família, anotando apenas o nome de uma das filhas: Catarina.

Kalbusch, família de belgas, cujo município de origem hoje se encontra em Luxemburgo, é uma das primeiras menções em notícias e relatórios pesquisados, algumas vezes grafado como: Calbus.

O Patrono do Município, Alfredo Henrique Wagner, ele também, neto de imigrantes, se estabeleceu primeiramente na Colônia Militar.

Dummer é outro sobrenome germânico que aparecem em notícias e relatórios da Colônia em anos posteriores à fundação.

Schligting aparece entre os soldados já na relação de 1854, sendo Christiano e Henrique, os soldados que constam com este sobrenome.

Filhos de imigrantes europeus, nascidos no Brasil, portanto, brasileiros natos e não imigrantes, passaram a morar na Colônia ou redondezas quando esta já estava estabelecida e em pleno funcionamento.

O mito da colonização alemã em terras do município de Alfredo Wagner, entretanto, permanece erroneamente como sendo um fato histórico que precisa ser retificado.

Brasileiros natos, filhos ou não de europeus, formavam a grande maioria dos que povoaram estas terras. A eles, nossas recordações e homenagens!

Um dos muitos documentos da Colônia Militar guardados pelo Arquivo Histórico de Joinville.

**AUTOESCOLA SANTA CATARINA**  
1ª Habilitação  
Renovação 2ª Via  
Mudança de Categoria  
Autos p/ Automovel e Moto

Telefone: 3276-1399  
Rua Anitaópolis, 500 - Centro

**Edenilson Schafer**  
TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA  
CREA/SC 12.1996-3  
Projetos Agrícolas - Investimentos - Custeio

(48) 9 9830-1937 edenilsonschafer@gmail.com  
Rua Rui Barbosa, 84 - Centro - Alfredo Wagner - SC



# A SAÚDE NA COLÔNIA MILITAR

Dr. Antonio José Sarmento e Mello e o Sargento reformado cirurgião José Felix de Moraes foram médicos na Colônia Militar em diferentes ocasiões. Seus nomes aparecem em muitas publicações oficiais relativas a determinações do Governo da Província.

Adelson na obra já citada *Sentinela Isolada* assim descreve a situação da saúde na Colônia:

*“Entre os anos de 1856 e 1878 (período em que há documentos assinados pelo médico), o médico da colônia militar de Santa Thereza era o oficial José Félix de Moraes. Em setembro de 1878 o mesmo médico ainda trabalhava na colônia. Em 1864, passados 10 anos da fundação da colônia, o médico da colônia ainda vivia em uma residência bastante precária. A casa fora construída sobre nascentes d’água, motivo esse que contribuía muito para a deterioração da residência bem como dos medicamentos da botica, a qual ocupava a mesma construção.*

*“Em janeiro de 1859, o oficial José Félix de Moraes, ao comunicar o presidente de província a respeito das condições de trabalho na colônia, afirmou que: nesta colônia militar de Santa Thereza estabelecida no caminho de Lages desta Província onde me acho empregado, não existe estabelecimento algum militar de saúde propriamente dito, sendo as pessoas de que se compõem quando doentes, tratadas em suas barracas as quais eu mesmo faço aplicação dos medicamentos que o caso exige. Atendendo-se a salubridade do lugar não julgo de urgência a criação de uma enfermaria propriamente dita com o respectivo material e pessoal, até mesmo porque tal criação acarretará maiores despesas aos cofres públicos”. Ofício ao presidente de província, João José Coutinho. José Félix de Moraes, 2o cirurgião reformado. Colônia militar de Santa Thereza, 1 de janeiro de 1859. Acervo IHGSC.*

Cabe ressaltar que, o médico, assim como os demais oficiais, estava proibido de possuir terras e comércio na colônia.

Entre os exemplos de moléstias encontradas na Colônia Militar e os medicamentos utilizados pelos médicos, publicamos a seguir duas listas. A primeira apresenta os

medicamentos comprados para a farmácia colonial e a segunda algumas doenças ocorridas. A fotografia destes documentos foi tirada com celular no Arquivo Histórico de Joinville, não tendo sido escaneados os originais, dificultando a leitura e entendimento de diversas palavras, sendo a transcrição apenas parcial dos itens comprados e das moléstias tratadas pelo médico da colônia.

*“Medicamentos para a Colonia Militar na Estrada de Lages na Província”:*

Ácido cítrico - balsamo de copaíba - canfora - camomila - cera branca - cera amarela - linhaça em pó - sal amoníaco - mostarda - óleo de amêndoas - óleo comum (duas garrafas) - óleo de Rícino (duas garrafas) - resina de pinho - rosas vermelhas - rui-barbo contuso - sal de Saturno - sal tártaro - sulfato magnésio - tintura de ópio - tintura de Arnica - sabugueiro

Utensílios: Fios de linho - Toalhas sortidas  
*“Mappa Statistico Pathologico das molestias tratadas na Colonia de Santa Chararina desde o dia 11 de Fevereiro até 31 de Dezembro de 1854”:*

Abcessos - hemorragia - bronquites - cólica nervosa - constipação - contusões - colites - embaraço gástrico - erisipela - furúnculo - ferida enciza - gastrite - gastroenterites - gastro hepatites - ofilação - ofal-mia - reumatismo - sarnas - tico doloroso da face - úlcera.



A Colônia Militar de Santa Thereza, como passagem de muitos tropeiros, recebia a vacinação para algumas moléstias. Este é o relatório para dezembro de 1854 feito pelo Cirurgião José Felix de Moraes



Lista de medicamento para a Colônia Militar Santa Thereza

Lista das moléstias atendida pelo Cirurgião José Felix de Moraes na Colônia Militar

# CONCLUINDO...

A Colônia Militar de Santa Theresza esteve ativa de 1854 a 1895, quando foi emancipada. Foram 41 anos de atividades militares, porém, sua influência não se encerrou quando passou a administração civil, mas perdurou por mais de 60 anos nos quais paulatinamente foi progredindo e evoluindo.

Múltiplos aspectos de sua história não puderam ser estudados nesta Alfredo Wagner em Revista - Jubileu de Diamante 1961/2021 devido a limitação de páginas. Serão estudados na próxima revista quando trataremos das comunidades que formam hoje o município de Alfredo Wagner.

É preciso que as escolas transfiram aos alunos estes conhecimentos, favorecendo as pesquisas e as buscas por novos documentos.

É preciso que o Poder Público crie um Arquivo Histórico municipal com estrutura para armazenar documentos e objetos de valor histórico e que preserve esta história.

Parabéns Alfredo Wagner por tão linda, heróica e brilhante trajetória.

Jornalista Mauro Demarchi

03/08/2021





## PALAVRAS DO PREFEITO

É com satisfação que vemos publicado a segunda edição de Alfredo Wagner em Revista – Jubileu de Diamante 1961/2021.

Desta vez, o tema é a histórica Colônia Militar Santa Tereza, cuja instalação e progresso foi muito importante para vários municípios, pois dela nasceram, além de Alfredo Wagner, Bom Retiro, Imbuia, Ituporanga, Leoberto Leal etc.

Algumas tentativas anteriores de povoamento da região não obtiveram êxito devido ao relevo íngreme e acidentado sujeito a frequentes inundações.

Foi preciso um grupamento de colonos militares que obedientes à ordem recebida, fincaram o marco na região e daqui não arredaram o pé enquanto o povoamento não se tornou auto suficiente para ser um distrito.

Homens e mulheres defenderam a região, protegeram os viajantes e seus habitantes, contribuíram para a pacificação de indígenas e a criação de um grande e belo município.

Por muitos anos seus nomes foram esquecidos, entretanto, esta edição da Revista do Jubileu procura resgatar a história épica para que os alfredenses sintam orgulho de seus antepassados e de seu município.

Que todos eles possam ser lembrados por estas páginas e recebam, assim, nosso reconhecimento e agradecimento.

Alfredo Wagner, 3 de agosto de 2021

Gilmar Sani

Prefeito Municipal

